N.º 62/NOVEMBRO 1976/ANO VI

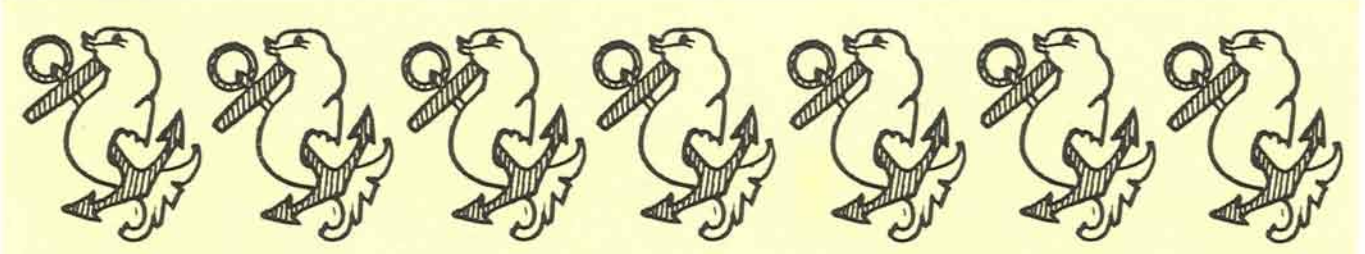
revista da ARMADA

Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
M. Salema	**Prestação de honras militares ao rei Jorge VI da Grã-Bretanha**	4
S. Augusto	**«Marinheiros-estudantes»** Balanço do ano lectivo de 1975/76	6
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** O poeta João de Deus	7
P. Machado	**O António São Paulo**	11
Vários	**Voz da Abita**	12
M. Horta	**Notícias Pessoais**	15
P. Santos	**O Alcoolismo**	16
M. Bandeira	**A peça de artilharia do Palácio Ducal de Vila Viçosa**	18
G. Brandão	**Filatelia**	20
Vários	**Saibam Todos**	21
A. Fonseca	**Desporto**	22
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	24
A. Correia	**Numismática**	25
M. Horta	**Reportagem**	26
Vários	**Quarto de Folga**	32

QUESTIONÁRIO

No presente número, em separata, insere-se um questionário a que damos grande importância. Pedimos e agradecemos o seu preenchimento e envio para a «Revista da Armada» — Ministério da Marinha, Lisboa 2.



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 62/NOVEMBRO 1976/ANO VI

Preço de venda avulso	5$00
Assinaturas anuais:	
Continente, Ilhas, Ultramar, Espanha e Brasil (via normal)	50$00
Estrangeiro, excepto Espanha e Brasil (via normal)	68$00
Ilhas (via aérea)	75$00
Ultramar (via aérea)	137$00

Na capa:

**Beneficiando o gasolina.
Base Naval de Lisboa.**

(Foto de A. Fernandes, fotógrafo do Arquivo de Marinha

Tiragem 10 000 exemplares.

Execução gráfica:
LISGRÁFICA, Impressão e Artes Gráficas, S. A. R. L.

Nota de Abertura

Nesta Armada, a nossa, há um manancial de exemplos que justificam o orgulho de lhe pertencer.

Há dias, fui procurado por um ex-marinheiro que me contou o seguinte: «Quando da *revolta dos navios,* **nome porque ficou conhecida a sublevação de algumas unidades navais da Armada, em 1936, atracou ao** *Bartolomeu Dias,* **já sufocada a rebelião, um rebocador com uma escolta para levar alguns marinheiros sob prisão para o Quartel de Alcântara. O primeiro-tenente imediato do navio, hoje contra-almirante reformado, depois de ter obtido o acordo do comandante, mandou retirar a escolta dizendo ao sargento que a comandava que,** *os seus marinheiros não precisavam de escolta e se apresentariam sozinhos no Quartel. Tinha toda a confiança neles e tomava essa responsabilidades.* **E assim, cerca de quarenta marinheiros e grumetes, impecavelmente uniformizados e em formatura, entraram na parada do Quartel de Alcântara, entregando-se ao oficial de dia. Atrás deles, mas não juntamente, entrou o imediato** *para prestar qualquer esclarecimento se fosse necessário.»*

No exemplo que acabo de apresentar está tudo certo. Certa a atitude do imediato, certa a concordância do comandante, certa a retirada do sargento da escolta... tudo certo.

Com.

Prestação de honras militares ao Rei Jorge VI da Grã-Bretanha

O contra-torpedeiro «Dão», sob rajadas de 116 km/hora, enfrenta as «montanhas de mar».

Naquela manhã antes de ir para bordo, já lá vão quase 30 anos, eu fora chamado ao Comando da Força Naval da Metrópole. Recebido pelo próprio comodoro, ele comunicou-me que recebera instruções para mandar preparar um agrupamento de duas unidades para, em nome do Governo, ir prestar honras militares ao rei Jorge VI da Grã-Bretanha. Com efeito sabia-se que passaria brevemente ao largo da costa de Portugal a bordo do couraçado «Vanguard», em viagem para a África do Sul. Acrescentou que designaria o «Bartolomeu Dias» e o *meu* navio, o «Dão», para desempenharem aquele serviço.

Depois, continuou dizendo que estava ao facto de que a girobússola deste contratorpedeiro não funcionava, de que o seu radiogoniómetro estava avariado e de que as turbo-ventoinhas da tiragem forçada das casas das caldeiras continuavam em estado precário. E à medida que ia falando, percebia-se-lhe um sorrizinho trocista como a significar que estava muito bem ao facto dos sucessivos relatórios que eu elaborava; porém, como se iria navegar a velocidades moderadas, esta última deficiência embora exigisse cuidado, não era impeditiva. Quanto à outra aparelhagem... que dispensasse o gónio e governasse com a magnética.

Aliás era este o processo que vínhamos utilizando nas nossas saídas, mas só os que alguma vez pegaram nas malaguetas da roda do leme dum contratorpedeiro sabem como era *doido* o comportamento da agulha, encerrada entre paredes de aço sobretudo quando havia balanço. Mas já estavam habituados.

2 de Fevereiro de 1947, O «Dão» desamarrava da bóia e depois de dar volta à faina começou descendo o Tejo nas águas do «Bartolomeu Dias» que levava o comandante da F.N.M., capitão-de-mar-e-guerra Pereira da Fonseca e o adido naval inglês, *captain* Mc. Lelland.

Era quase noite; estava escuro. O vento soprava rijo do sudoeste e as bátegas de chuva incessantes ainda comprometiam mais a já escassa visibilidade. A queda do barómetro continuava. Enfim, tudo fazia prever que iríamos passar um mau bocado. As fundas das embarcações haviam sido reforçadas e tudo quanto seria susceptível de se mover fora bem peado. E não me tinha esquecido de recomendar ao oficial imediato que mandasse servir o jantar mais cedo pois não acreditava que fosse possível cozinhá-lo ou mesmo comê-lo, logo que deixássemos o rio. As mãos seriam bem necessárias para nos agarrarmos e os estômagos de muitos não se conformariam em aceitá-lo.

Estavam tomadas as providências e agora era aguentar.

Pelo meu lado, naquela ponte descoberta, é certo muito marujal, muito em contacto com os elementos como no tempo da vela, tinha-me preparado para passar uma noite tormentosa e desconfortável. Capa de borracha, botas altas e uma toalha turca à volta do pescoço constituiram uma defesa, aliás, de eficácia pouco duradoura.

À medida que prosseguíamos e nos afastávamos do abrigo da terra, o vento tornava-se mais duro e a visibilidade mais fraca. Aproximávamo-nos da saída do rio e o «Dão» lá ia nas águas do chefe, mas quando vejo que ele guina para a Barra Grande (em vez de tomar pelo Canal do Norte) com aquele sudoeste violento e a corrente ainda em vazante e portanto de encontro ao mar vindo do largo, experimentei uma sensação bastante desagradável.

O horizonte que se encurtava assustadoramente era uma sobreposição caótica de água e de nuvens esfarrapadas.

Dez minutos depois da passagem Entre Torres e com a vaga a crescer, pesado aguaceiro encobriu os farolins do enfiamento e as luzes do «Bartolomeu Dias», perdendo assim qualquer ponto de referência. E como a agulha estava fora de causa, íamos tenteando o caminho com os valores fornecidos pelo sondador sonoro e com o avistamento, nas raras abertas, dos baixios que se adivinhavam sob o fervilhar confuso dum mar em fúria.

O navio caturrava violentamente, todo ele vibrando a cada golpe recebido. Tentei reduzir a velocidade, mas logo que a diminuía, ele não obedecia ao leme. As vagas erguiam-se mais próximas umas das outras, cabeleiras de espuma coroando as suas cristas. Súbito avisto um formidável vagalhão, mais muro do que onda, direito, ameaçador, a sua base encurtando à medida que a sua altura se elevava. No embate o navio furou positivamente a onda sem poder levantar a proa, tão rápido foi o encontrão e tão aprumada ela se apresentava. Depois, logo que o mar correu para ré, levantando a popa, faltou-lhe a vante o apoio da água e a proa inclinou-se, baixou e o declive foi tal que parecia irmos escorregando até bater no fundo e foi nesta posição, sensivelmente adornado a estibordo que se deu a segunda pancada brutal com um choque seco que se repercutiu desde a quilha até aos mastros. A enorme massa líquida atirada com uma violência ciclónica na sua corrida devastadora, torce balaústres de ferro e parte o estropo de vante, fundas e contra-fundas do escaler a gasolina pondo-o em risco — e ao navio, se aquele caindo, embatesse nos hélices — e arrebata uma jangada que no seu curso desordenado causa algumas avarias no convés. A água, fraccionada, pulverizada, magoava como se fosse agulhas; os olhos doloridos fechavam-se involuntariamente. O navio quase estacou, perdendo o governo por breves momentos e se pensei que as ventoinhas da casa das caldeiras se tivessem avariado, logo afastei essa ideia por ser demasiadamente grave.

Mas estava passado o pior momento, dobráramos a *pancada da barra,* nome cuja justificação acabámos de apreciar. Vencera-se o perigo e a navegação tornara-se agora mais fácil. Pouco depois avistava-se o «Bartolomeu Dias» e mudávamos de rumo, ficando com o *tempo* pela amura de bombordo.

Quando clareou a manhã, com as nuvens baixas quase a rasar oceano, os dois navios prosseguiam decididamente a sua marcha ao encontro das unidades inglesas e eram 9 horas quando a estação de T.S.F. recebeu um rádio do comandante do «Vanguard» informando que a esquadra britânica deixara de encarar o encontro previsto com a *Portuguese Navy* devido ao estado do tempo cada vez pior e acrescentava, entretanto, que Sua Majestade avaliava o esforço dos marinheiros portugueses e considerava a sua amigável missão como efectuada.

Na verdade o temporal continuava violento, registando-se naquela unidade, conforme informava, rajadas de 116 quilómetros por hora e um balanço de 15 graus (no couraçado!) mas o comodoro resolveu não aceitar a fórmula, aliás elegante, como os ingleses nos queriam poupar aquela marcha tormentosa. Respondeu, portanto, que não desistia do encontro e que mantinha o firme propósito de continuar a fim de prestar as honras de que tinha sido encarregado.

Passavam poucos minutos depois das 14 horas quando se começaram a avistar as unidades da esquadra. À frente o cruzador «Diadem», em seguida as 45 000 toneladas do «Vanguard» e pelas suas alhetas o cruzador «Cleopatra» e o *destroyer* «St. James». Os restantes navios tinham mudado de rumo pouco antes, para se furtarem à violência do mar.

Quando se divisou o pavilhão real no mastro do couraçado, apenas içámos a bandeira nacional nos topes juntamente com a da Grã-Bretanha no tope grande, não permitindo a violência do tempo que as guarnições estendessem em continência.

Estávamos a 105 milhas a oeste do Cabo da Roca. A esquadra inglesa avançava na nossa direcção a uma velocidade de 17 nós, oferecendo um aspecto grandioso. No grande couraçado, as montanhas de mar desfaziam-se de encontro à proa e iam projectar-se nas torres e ponte de comando num espectáculo surpeendente. Seriam umas 14.20 horas quando desfilou a cerca de mil metros pela proa dos nossos navios, cuja comparência no meio do oceano debaixo de temporal desfeito, atestava mais uma vez a presença da Marinha de Guerra quando era chamada a cumprir por muito penosa que fosse a missão.

Já os navios se escondiam na bruma quando a estação de T.S.F. do «Bartolomeu Dias» recebeu o seguinte rádio: «Do rei para o comodoro português. A rainha e eu estamos muito gratos pelo vosso rasgo e cortesia e muito sensibilizados pela vossa saída para o mar, com este tempo, para nos trazer as saudações da Armada Portuguesa».

Houve ainda outro, que não foi captado, dirigido ao chefe do Estado, general Carmona.

Às 15.00 horas, empreendíamos a viagem de regresso, tendo ainda na nossa frente uma tarde e uma noite de navegação com o mau tempo que não esmorecera, mas agora íamos com o mar pela alheta. Estávamos todos estafados, os olhos vermelhos do sal, a cara magoada, os pés gelados, o estômago vazio, mas lia-se no rosto de cada um a satisfação, o orgulho de mais uma vez ter executado uma missão difícil como se fosse a coisa mais fácil deste mundo.

Decorridos alguns meses, no princípio de Agosto, o «Dão» partiu para Glasgow a fim de proceder a grandes fabricos e na sua viagem escalou Portland. Ainda comigo na ponte, veio um oficial a cumprimentos da parte do comandante da Home Fleet (Esquadra Metropolitana da Grã-Bretanha), o almirante Sir E. N. Syfret embarcado no «Duque of York». E para não me alongar demasiadamente, não citarei os nomes de outras entidades que também se deslocaram ao navio para idêntico objectivo.

Quando no dia seguinte retribuí as visitas, fui recebido pelo próprio almirante que me disse estar informado ser eu o oficial que comandava o *destroyer* que fizera parte do agrupamento que tinha prestado honras a «Sua Majestade o rei Jorge VI» acrescentando que aquele *fine feat of seamanship* tinha sido vivamente apreciado pelos seus compatriotas e por ele próprio. E ao mesmo tempo mostrou-me uma pasta-arquivo, que tirara de uma gaveta, contendo numerosos recortes da imprensa britânica que se referiam ao assunto.

(Em Portugal, está claro, estamos tão habituados a que as *coisas* respeitantes à Marinha sejam ignorados do público, que nenhum jornalista se interessou em fazer-lhe qualquer referência, salvo Maurício de Oliveira que tendo feito a viagem no «Bartolomeu Dias» escreveu uma reportagem).

Quando me despedi, bastante sensibilizado por tão cativante prova de consideração pela nossa Armada, e cheguei ao portaló para embarcar no *meu* gasolina, vi encostado ao patim uma enorme vedeta com dois marinheiros em rígida posição de sentido, cada um deles segurando um pau de croque. Recuei para dar tempo a que ele desatracasse, mas o comandante (do couraçado) informou-me de que o almirante sabendo que o escaler do «Dão» iria também entrar em fabricos, punha ao meu dispor uma das suas vedetas para eu fazer as visitas oficiais.

Para fecho deste episódio vou contar uma pequena história quase anedótica que se passou com o comandante dum contratorpedeiro dos E.U.A., também estacionado em Portland. Já tínhamos trocado cumprimentos e quando, pela tarde, me dispunha a ir para terra dar uma volta o oficial de dia veio comunicar-me que o comandante do navio americano ia atracar ao portaló. Fiquei um bocado surpreendido e pensei que se tivesse esquecido de qualquer coisa ou desejasse uma bebida que antes negara.

Mas não. Recusou um «porto» que eu lhe ofereci e como não se «descosesse», convidei-o a vir para terra comigo.

No dia seguinte, o homem veio outra vez a bordo e eu, então, já intrigado, perguntei-lhe o que o trazia. Sabe, respondeu-me ele: «O meu navio é uma das unidades mais modernas do Mundo. É tudo eléctrico, automático, electrónico. É tudo impessoal. Desejo um maço de cigarros, deito uma ou várias moedas, primo um botão e sai o pacote. Quero uma coca-cola ou um chocolate, carrego noutro botão e lá vem a bebida. Preciso falar com o imediato, com o chefe das máquinas ou para o serviço de comunicações e basta-me utilizar um telefone ou um inter-comunicador.

«Tenho de redigir uma carta ou uma nota, utilizo um dictafone; já não sei escrever.

«A comida é quase sintética e sai dumas estufas em tabuleiros sem estilo, uniformemente iguais.

«Mas quando cheguei aqui a bordo do seu navio pela primeira vez e o meu amigo me convidou para tomar qualquer coisa, em lugar de se servir de um desses horríveis mecanismos sem alma, ou mesmo duma modesta campainha, simplesmente bateu as palmas e apareceu uma pessoa sorridente, amável, familiar, aguardando as suas instruções. E então verifiquei que pelo menos aqui, ainda podia encontrar um ambiente humano que supunha ter desaparecido da Terra há muito tempo».

José Mexia Salema
C.-alm.

«Marinheiros-estudantes» Balanço do ano lectivo de 1975/1976

Como é do conhecimento dos nossos leitores – vide artigo «Promoção Sócio-Cultural na Armada», inserido na «Revista da Armada» n.º 53, de Fev. 75 –, na Base Naval, no Alfeite, há mais tempo e em maior dimensão, e no Ministério da Marinha, em Lisboa, mais recentemente e em menor escala, vem funcionando o Ciclo Preparatório do Ensino Secundário e o Curso Geral do Liceu, para valorização do pessoal da Armada. Conforme se pretendeu esclarecer no artigo citado, trata-se de cursos intensivos e supletivos, unicamente dependentes, na sua orgânica e funcionamento, do Ministério da Marinha, embora inteiramente iguais, em programas e exames, aos cursos ministrados em qualquer estabelecimento de ensino do MEIC.

Razões várias, a que talvez não seja estranha certa falsa modéstia, obstaram a que se tivesse dado divulgação aos resultados obtidos. «Ligeiro empurrão» de instâncias superiores, leva-nos a utilizar as páginas da Revista para publicar o que se vem conseguindo neste aspecto de valorização do pessoal.

Assim, no ano lectivo de 1975/76, no conjunto Base e Ministério, apresentaram-se a exame do Ciclo Preparatório 66 «marinheiros-estudantes», 42 dos quais obtiveram classificação considerada de «dispensa»; 21 lograram aprovação e apenas três reprovaram, um dos quais por impossibilidade de comparecer à prova oral. Passando a analisar o que se passou no Curso Geral do Liceu, em que se ministra uma Secção em cada ano, os resultados não foram tão consoladores como os do Ciclo. O quadro abaixo dá-nos os respectivos resultados:

DISCIPLINAS	ALUNOS			
	Propostos a exame	Resultados		
		Dispensados	Aprovados	Reprovados
Português	36	20	13	3
Francês	35	14	17	4
Inglês	27	9	14	4
História	33	13	14	6
Geografia	32	23	7	2
Ciências naturais	28	17	5	6
Física e Química	28	15	7	6
Matemática	30	15	9	6
Desenho	33	26	-	7

Para dar uma ideia dos resultados obtidos, transcrevemos dos relatórios dos dois sectores referidos: Em relação à Base Naval: *As notas mais destacadas na totalidade dos alunos constantes das pautas foram: um aluno com 19; três com 16; três com 15 e cinco com 14. Destas notas, pertenceram à Base Naval: um com 19; três com 16 e três com 14.* No respeitante ao Ministério da Marinha: *(...) considerados em relação à totalidade dos resultados que se puderam observar nas pautas da Escola onde também alunos de outros estabelecimentos de ensino supletivo se apresentaram a exame, estes resultados são excepcionais.*

Os números que aí ficam falam por si e dispensam comentários. A maior dificuldade encontrada filia-se no número de «marinheiros-estudantes» que ao longo do ano vão desistindo. E nem sempre as razões de desistência serão as mais válidas. Mas como se trata de voluntariado, nada mais se pode fazer do que vê-los seguir outros caminhos.

Sérgio Augusto

Ciências Artes e Letras

O Poeta JOÃO de DEUS

Comemorou-se este ano o centenário da «Cartilha Maternal». Comemorá-la é evocar o seu autor, o poeta João de Deus, que, a partir de 1876 se dedicou com extraordinário interesse à causa do ensino primário em Portugal. Durante meio século, gerações sucessivas de crianças aprenderam a ler pela sua «Cartilha». Os seus esforços e a sua luta, porém, não tiveram seguidores que, como ele, se consagrassem de alma e coração à tarefa de alfabetizar o povo português e é certamente com muita amargura e consternação que constatamos ainda, cem anos volvidos, a existência de uma ampla nódoa de analfabetismo a conspurcar a imagem da Nação Portuguesa. Dirigentes houve, certamente criminosos responsáveis, já que se haviam guindado às dignidades de Doutor e Professor, que escreveram para quem os quis ler que a demasiada instrução era inconveniente para o povo por lhe adulterar as tradicionais virtudes que de longe vinha revelando. (Subentendia-se que essas «tradicionais» e por certo «muito convenientes» virtudes eram, para tais dirigentes, a humildade, a submissão e o respeito — filhos da ignorância — que exploravam para fins inconfessáveis).

A «Cartilha Maternal» e a luta em prol do ensino consagraram nacionalmente João de Deus que se havia afirmado já como poeta lírico excepcional, com relevante lugar na literatura portuguesa. Foi-lhe prestada pública e impressionante homenagem nacional em 1895.

Interessa-nos, neste curto apontamento, mostrar o poeta mais que o pedagogo.

Nasceu em S. Bartolomeu de Messines, no Algarve, em 1830 e formou-se em Coimbra ao fim de 10 anos de estúrdia no ambiente, então escaldante de ideias, da velha universidade. À sua primeira colectânea de poemas chamou ele «Flores do Campo». Importava-lhe no entanto pouco a publicação dos versos que ia espalhando aqui e além, quer por albuns de amigos, quer em cartas, quer ainda por gazetas e revistas. Foi Teófilo Braga, seu grande amigo e admirador, que lhe coligiu as poesias dispersas e fez publicar essa obra que veio a chamar-se «Campo de Flores» e onde se reune toda a produção em verso, de enorme variedade, do inspirado poeta.

João de Deus situa-se numa época literária que se caracterizou pela reacção violenta ao ultra-romantismo por parte de escritores e poetas ditos modernos. João de Deus não enfileirou nas hostes modernistas e permaneceu, de certa maneira, um isolado que, sem se amarrar a esquemas tradicionais já condenados, deu livre curso à sua alma de poeta, procurando sempre a expressão que melhor lhe convinha e que era por vezes fascinante. Afonso Lopes

Vieira chama-lhe «supremo poeta na arte de adorar» pois os seus temas líricos têm a frescura dos madrigais e a pureza da meditação elegíaca. Antero de Quental vê nele «o poeta mais original do seu tempo» e chama-lhe «alma gémea de Camões». Na verdade, o seu sentimento eleva-se por vezes a alturas que só raros atingem, apesar da «singeleza da inspiração e da naturalidade da linguagem».

No trato quotidiano, João de Deus evidenciava uma personalidade atraente e afável «em que pitorescamente se caldeavam bondade e candura, ironia, abulia e generosidade».

O 1.º volume de «Campo de Flores» reune as poesias líricas, compreendendo Cançonetas, Odes e Canções, Elegias, Idílios, Dísticos, Cânticos e Fábulas. Seria no entanto nas Elegias e Fábulas que o poeta atingiria formas mais perfeitas. Ele, que de certo modo estava, pelo coração, ligado ao passado, compõe com extraordinária liberdade, animando o verso de um ritmo como até então ninguém tivera a audácia de exercitar e variando o metro e os esquemas estróficos, no decurso do poema, ao sabor da vibração do sentimento. Como poeta de raiz romântica (que a sua poesia notoriamente evidencia) é ora invocativo, ora evocativo, situando-se «os dois polos do seu estro no amor ainda irrealizado e no amor já irrealizável. Muitas das suas poesias fazem parte de antologias e selectas onde gerações sucessivas de estudantes do nosso ensino secundário aprenderam e aprendem os segredos da rima, da métrica e dos esquemas rítmicos.

. . . . . .

Amo-te como
A haste o gomo,
O lábio o pomo.

. . . . . .

* * *

. . . . . .

Árida palma
Tem seu licor;
Tem, como a alma
Tem seu amor;
Tem, como a hera
Tem seu Abril;
Tem, como a fera
Tem seu covil

* * *

Vai-se a tarde despedindo,
Vai fugindo,
Vai levando a luz do céu...
Vem-se a noite aproximando,
Desdobrando
Desdobrando o negro véu.

. . . . . .

Outras, revelam uma tal riqueza rítmica que logo suscitaram as atenções dos compositores musicais como por exemplo o «Beijo»

Beijo na face
Pede-se e dá-se:
Dá?
Que custa um beijo?
Não tenho pejo:
Vá!

Um beijo é culpa
Que se desculpa:
Dá?
A borboleta
Beija a violeta:
Vá!

Um beijo é graça
Que a mais não passa
Dá?
Teme que a tente?
É inocente...
Vá!

. . . . . .

Guardo segredo,
Não tenhas medo
Pois!
Um mais na face,
E a mais não passe!
Dois...

* * *

Oh! dois? piedade!
Coisas tão boas...
Vês?
Quantas pessoas
Tem a Trindade?
Três!

Três é a conta
Certinha e justa...
Vês?
E que te custa?
Não sejas tonta!
Três!

Três, sim: não cuides
Que te desgraças:
Vês?
Três são as Graças,
Três as Virtudes;
Três.

As folhas santas
Que o lírio fecham,
Vês?
E não o deixam
Manchar, são... quantas?
Três!

* * *

O seu vocabulário é relativamente pobre, mas é justamente a singeleza da palavra, aliada no entanto a uma imagem incisiva, que por vezes empresta ao verso a necessária potencialidade emotiva, como na tradução do sentimento de saudade;

. . . . . .

Sinto umas máguas
Que se confundem
Com as que as águas
Do mar infundem!

E quem um dia
Passou os mares
É que avalia
Os meus pesares!

. . . . . .

ou na caracterização da natureza da mulher;

. . . . . .

Então se por encanto
Falando em ti, mas só,
Todo banhado em pranto
Me visses, tinhas dó;

Tinhas; a piedade
É filha da mulher
Que sempre quis metade
De uma aflição qualquer.

. . . . . .

ou o sentimento do alvoroço do amor;

. . . . . .

Em te avistando ao longe, como eu
[pinto
Já de outra cor o céu! Mal te oiço o
[vôo,
Como eu digo contente: eu te abencôo,
Oh dia em que nasci! Eu amo! eu sinto!

ou ainda no sentimento de ternura;

. . . . . .
Mas vejo à sombra de altos edifícios
Miudíssimas flores
De tão subtis e delicadas cores
Que se o sol lhes chegasse
Talvez que nem resquícios
Lhes ficasse.
Com uma d'essas asas estendida
Me tapavas tu todo;
E desse modo,
Com esse escudo,
Eu ria-me de tudo
E levava esta vida alegremente!
Tenho essa fé!

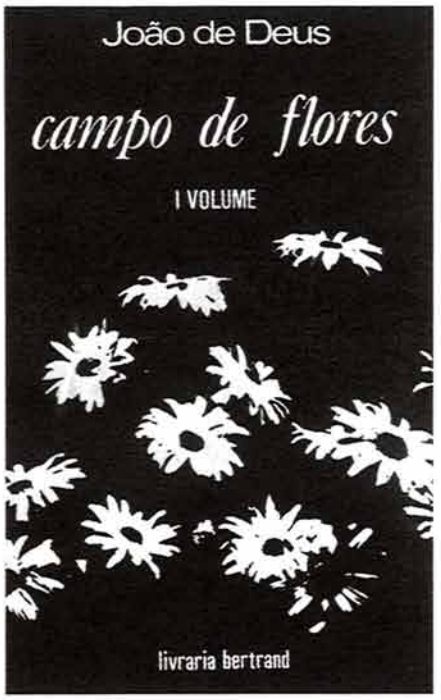
Vejo também a flor que nasce ao pé
De água corrente
Ir tão suavemente
Levada pela água!
Talvez até sem mágua
De deixar sua mãe.
D'esse modo também,
Amparando-me tu a mim nos braços,
Eu seguia-te os passos
Fosse por onde fosse,
E d'esta sorte
Até a morte
Ser-me-ia doce!

Nas «Elegias» João de Deus oferece-nos talvez o melhor da sua produção poética. A elegia «A Vida» alia a uma variedade enorme de esquemas estróficos, uma perfeição notável da forma e uma altíssima densidade de conteúdo poético (Os sonetos que engloba, por exemplo, são do melhor que tem a literatura portuguesa).

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que n'esta vida me guiava
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do túmulo descendo.

Em se ela enuveando, em a mão vendo,
Já se me a luz de tudo anuveava
Despontava ela apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia per-
[dendo.

Alma gémea da minha, e ingénua e
[pura
Como os anjos do céu (se o não sonha-
[ram...)
Quis mostrar-me que o bem bem pouco
[dura!



Não sei se me voou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram...
. . . . . .

A vida é o dia de hoje,
A vida é ai que mal soa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que voa:
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve
E como o fumo se esvai:
A vida dura um momento,
A vida leva-o o vento,
A vida é folha que cai!

A vida é flor na corrente,
A vida é sopro suave,
A vida é estrela cadente,
Voa mais leve que a ave:
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares,
Uma após outra lançou,
A vida — pena caída
Da asa de ave ferida—
De vale em vale impelida
A vida o vento a levou!

Como em sonhos o anjo que me afaga
Leva na trança os lírios que lhe puz,
E a luz quando se apaga
Leva aos olhos a luz!

Levou sim, como a folha que desprende
De uma flora delicada o vento sul,
E a estrela que se estende
N'essa abóbada azul;

Como os ávidos olhos de um amante
Levam consigo a luz de um terno olhar,
E vento do levante
Leva a onda do mar!

Como o tenro filhinho quando expira
Leva o beijo dos lábios maternais,
E à alma que suspira
O vento leva os ais!

Ou como leva ao colo a mãe seu filho
E as asas leva a pomba que voou,
E o sol leva o seu brilho...
O vento m'a levou!
. . . . . .

Nos Idílios, o poeta explora todo o bucolismo e singeleza das almas simples, aproximando-se quase da poesia infantil, (género que apenas aflora aqui e além) mantendo uma frescura de linguagem que torna os seus versos encantadores e cativantes.
Inúmeras vezes lhe pediam versos e não poucas compôs alguns de circunstância para assinalar uma data, uma festa, uma recordação amiga ou a morte de alguém que admirava. Entre os «Dísticos» que compôs, sobressai aquele que veio a ser gravado na campa de Antero de Quental:

Aqui... jaz pó; eu não: eu sou quem
[fui...
Raio animado de uma Luz celeste,
À qual a morte as almas restitui,
Restituindo à terra o pó que as veste.

A sua alma era sensível aos valores religiosos e compôs uma longa série de poesias de temática religiosa reunidas no capítulo «Cânticos» do 1.º volume. A mais conhecida é o «Crucifixo», inserto em várias selectas literárias. Certamente que todos os que passaram pelos bancos dos liceus se lembram desses versos que começam assim:

Minha mãe, quem é aquele
Pregado n'aquela cruz?
. . . . . .

Um dos géneros literários em que João de Deus supera por vezes todos os poetas rivais é sem dúvida a fábula.

Chega a suplantar D. Francisco Manuel de Melo e Bocage pela intensidade dramática e justeza e força da descrição. São notáveis «A cigarra e a formiga», «Ossos do ofício», «Cabra, carneiro e cevado» e esse magnífico «Leão moribundo», carregado de intenção e ensinamentos e que não resisto a transcrever:

Achou-se um dia o rei dos animais
Por velhice ou doença moribundo,
E (há casos n'este mundo
Incríveis, mas reais...)
Quem d'antes mais solícito o servia,
É quem às portas da morte o injuria!

Veio o cavalo e deu-lhe uma patada!
Veio o lobo, ferrou-lhe uma dentada!
Veio o boi, arrumou-lhe uma marrada!
Ele contudo, manso como um lago,
Apenas lhes lançou um olhar vago...

Mas quando ouviu um zurro,
E olhando então deveras,
Viu aos pinotes vir o burro...
Ah! pressentindo a injúria,
Com mais horror que fúria,
O forte de outras eras,
Rei dos bosques e feras,
Em suma, o grande, o generoso, o forte,
Arranca das estranhas
Um gemido, um rugiso, um uivo, urro
Que retumbou por vales e montanhas:
«Antes a morte! a morte!»
A morte! a morte!

No volume 11 do «Campo de Flores» reunem-se poesias de géneros menos prestigiados pelo autor. No entanto, algumas das sátiras e epigramas elevam-se acima da mera e vulgar anedota ou caricatura, denotando uma capacidade de ironia e um humor que não carecem de ser sarcásticos nem cáusticos para lograr a indispensável caracterização.

O dinheiro é tão bonito,
Tão bonito, o maganão!
Tem tanta graça o maldito,
Tem tanto chiste o ladrão!
O falar, fala de um modo...
Todo ele, aquele todo...
E elas acham-no tão guapo!
Velhinha ou moça que veja,
Por mais esquiva que seja,
Tlim!
Papo.

E a cegueira da justiça
Como ele a tira n'um ai!
Sem lhe tocar com a pinça;
É só dizer-lhe: — Aí vai...
Operação melindrosa,
Que não é lá qualquer cousa;
Catarata, tome conta!
Pois não faz mais do que isto,
Diz-me um juiz que o tem visto:
Tlim!
Pronta.

N'essas espécies de exames
Que a gente faz em rapaz,
São milagres aos enxames
O que aquele demo faz!
Sem saber nem patavina
De gramática latina,
Quer-se um rapaz d'ali fora?
Vai ele com tais falinhas,
Tais gaifonas, tais coisinhas...
Tlim!
Ora...

Aquela fisionomia
E lábia que o demo tem!
Mas n'uma secretaria
Aí é que é vê-lo bem!
Quando ele de grande gala,
Entra o ministro na sala,
Aproveita a ocasião:
«Conhece este amigo antigo?
— Oh meu tão antigo amigo!
(Tlim!)
Pois não!

Espírito irreverente, cuja tradição já vinha dos tempos de Coimbra, critica corajosamente instituições e figuras de dirigentes e governantes, pondo a nú as chagas de umas e outros.

Capelo

«Toca a capelo, vou vê-lo
E vejo de toda a cor,
Não doutores de capelo;
Mas capelos de doutor.»

Eleições

Há entre el-rei e o povo
Por certo um acordo eterno;
Forma el-rei governo novo,
Logo o povo é do governo
Por aquele acordo eterno
Que há entre el-rei e o povo.

Graças a esta harmonia,
Que é realmente um mistério,
Havendo tantas facções,
O governo, o ministério
Ganha sempre as eleições
Por enorme maioria.
Havendo tantas facções,
É realmente um mistério!

Casuística

Um padre de largo peito
Exclamava em voz profunda.
«Sim, caríssimos irmãos!
Quanto Deus fez é bem feito!»

Vai-se d'aí um corcunda:
— Salvo o devido respeito,
Já nem marreca é defeito!...
Sou eu são e escorreito? —
Ele, ao vê-lo, com efeito,

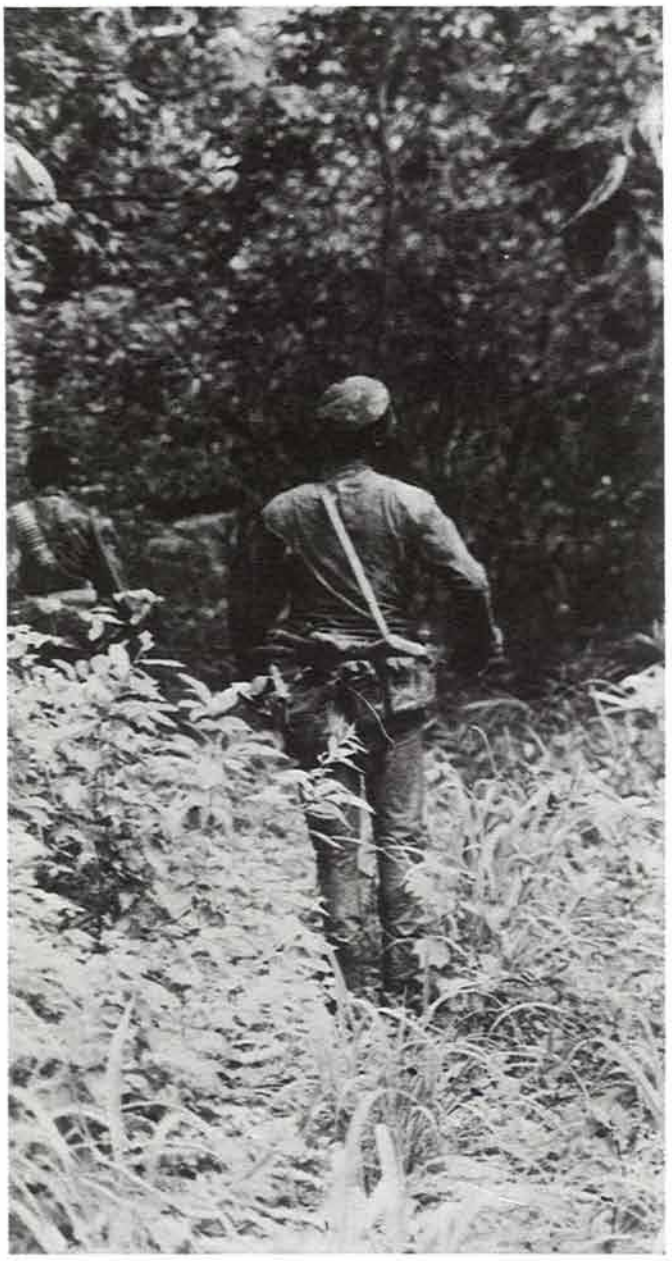
Sem poder olhar direito,
De pescoço contrafeito,
Ombros largos, peito estreito,
Roçando os pés com as mãos:
«E que dúvida, cristãos!
Que é um corcunda... perfeito?!»

João de Deus foi um poeta humaníssimo que atravessou a vida semeando poesias que floriram no panorama da poesia portuguesa como as margaridas florescem no campo — simples, mas de beleza imaculada.

O. Lemos
Cap.-m.-g.

O António São Paulo

Aos fiéis Fuzileiros e Portugueses do DFE 11 que não se envergonham do bem que fizeram e não têm pena do mal que não fizeram



O António era um cardo agreste, negro como um tição, todo dentes e alegria, numa publicidade constante à natureza e ao amor, que fazia esquecer África, a guerra e a saudade.

António era a vida e o elo da cadeia dos que se diziam senhores e dos que se tinham por servos. António São Paulo, de seu nome, era o guia da excelência, o intérprete da fidelidade, o amigo da hora, o soldado da ocasião e sempre, sempre o lazer da chama escaldante.

António era o fuzileiro, esguio e arguto, ignorante de uma precocidade fidalga, que avançava na hora da indecisão e recuava no tocar das glórias. Era branco de pureza, negro de valentia, rosa de coração.

Comia connosco, bebia (e por vezes demais) por nossos copos, vestia (exigentemente) da nossa roupa.

Serviu connosco dois anos inteirinhos, sem saber de relatórios e subsídios, sem SPM ou presente do Natal, sem louvores e garotas de feno no regresso festivo.

Era o guia, o intérprete, o que optou, o que lutou e serviu por uma coisa que julgava certa. Ninguém o comprou, obrigou, manipulou. Veio, «tout court», numa espécie de inventário que foi passando numa desconfiança de apresentação e num aperto de lágrimas de despedida.

Chissola apareceu na vida de António como um raio cruel e uma rosa em botão. Desflorou-lhe a juventude inebriante e apertou-lhe a consciência da liberdade. Abriu-lhe os desejos do coração e do corpo, mas algemou-lhe as potentes mãos da crença e da lógica da amizade. Dispôs-lhe o ventre redondo da criação e da família, mas despiu-lhe o orgulho de irmão distante e presente de homens de um mundo fora da sua vista mas dentro das suas aspirações.

Chissola, linda flor do quimbo Luchase, foi o cogumelo duvidoso e isolado que António colheu no campo agreste da vida, na fronteira do desejar ser ou querer parecer.

Chissola era África. Nós éramos sonho.

Chissola eram noites quentes de amor, eram filhos em profusão, eram a semente do imbondeiro que fica para sempre. Nós éramos o navio que fundeia e parte, esquecendo os atrasados e os indecisos, com um breve fumo branco de adeus.

António, chorando ranho, ingenuidade e esperança, não resistiu ao saracotear da saia de chita, ao esfregar do nariz de noite bem dormida e à cachipemba do festejo comunal.

António ficou, agarrado aos seus, como sentinela vigilante, como exemplo de homem, de Pai, de soldado.

António casou, agarrado a Chissola, como exemplo de sexo, de decisão, de amor.

António serviu, agarrado a nós, como exemplo de fé, de saudade, de amigo.

António, agora, morreu, agarrado ao sonho, como exemplo de nada.

Pinto Machado
1.º-ten.

Voz da Abita

Do «Pezinhos», cabo M, em serviço num organismo na margem Sul, recebemos uma carta que transcrevemos:

«Alfeite, Setembro de 1976».
«Se não fossem os transtornos que originam, as confusões que actualmente se passam nos telefones até tinham graça.
«Há dias precisei de telefonar, da Repartição onde trabalho – para evitar especulações, esclareço que as «chamadas» particulares são pagas pelos interessados –, para um amigo que vive numa recondita aldeia da Beira Alta. O que se passou e vou relatar, merecia não a minha modesta caneta mas, a prosa elevada de um Eça ou de um Ramalho... Vejam só...
«Eram 11 horas da manhã quando marquei o número pela primeira vez. Depois de várias tentativas, ouvi o sinal de chamada mas, ninguém atendia. Pensando que me tinha enganado no número fiz mais três ou quatro ligações seguidas, sempre com o mesmo resultado. Ora, sabendo eu que há sempre alguém em casa desse meu amigo, comecei a ficar preocupado e a recear que tivesse havido alguma desgraça.
«Pedi providências às 'avarias' e, caso raro, fui atendido por uma senhora gentilíssima que me informou que só lá (na Beira, claro) podiam saber o que se passava e remediar o caso. Na sua opinião o defeito devia ser, realmente, do telefone de lá.
«Com estas demoras todas, chegou a hora e fui almoçar.
«De regresso à Repartição, novamente tentei a ligação. Porém, logo que levantei o auscultador ouvi várias vozes a falar ao mesmo tempo e como o trabalho não apertava, puz-me à escuta.

«1.ª voz (grossa, de homem): – Está lá?... está... está lá?...
«2.ª voz (também de homem, mas mais fina): – Claro que estou... porque não desliga você essa...
«1.ª voz: – Desligue você, seu pedaço de asno...

«3.ª voz (de mulher): – Desliguem todos imediatamente... não vêem que há linhas cruzadas?
«2.ª voz: – Mas afinal quem é a menina, tão espevitada e tão mandona?
«3.ª voz: – Para já, não sou menina, sou senhora...
«2.ª voz: – Cá pr'a mim tanto faz... o que a menina é de certeza, é parva... E de mais quem a chamou para a conversa?...
«4.ª voz: – Daqui fala o (disse o nome de uma alta entidade)... acabem com essa conversa de 'chacha'...

«1.ª voz: – Pois daqui fala o (disse o nome de outra personalidade ainda mais importante que a primeira)... o que vocês precisavam era da 'rolha' outra vez... estão a piar de mais...
«5.ª voz (de homem, forte e autoritária): – Calem-se já todos... Daqui fala o 'Botas'... E se fossem todos à...
«2.ª voz: – Vá você seu (empregou um nome que eu não posso repetir)...
«4.ª voz: – O que vocês estão a pedir é uma coisa que eu cá sei (não disse o que era)...
«1.ª voz (dirigindo-se à 4.ª): – Então você ainda não desligou seu

'cretino'?... De que está à espera?...
«4.ª voz: – Estou à espera delas...
«1.ª voz: – Delas quem?...
«4.ª voz: – Delas, pequenas...
«3.ª voz (a de mulher): – Desliguem todos, está bem?...
«1.ª voz (dirigindo-se à 4.ª): – Olhe aí tem uma... Agarre-a...
«3.ª voz: – Agarre-a mas é o diabo que o carregue, seu ordinário...
«Nesta altura desliguei para atender a minha amiga escriturária-dactilógrafa, que anda sempre a meter-se comigo, e que vinha com um ar muito sério avisar-me 'que o telefone do serviço não era para namorar'... Mandei-a dar uma volta e tornei a levantar o auscultador. A conversa continuava, não sei se com os mesmos ou outros interlocutores, e ouvi mais palavrões.

«E foi assim toda a tarde, apesar de ter pedido novamente providências às avarias. Perante os acontecimentos, tal como fez o burro que tinha sede e não conseguia chegar a um tanque de água que estava mesmo a seu lado, porque estava preso por uma corda muito curta, desisti.
«Só à noite, de casa, consegui esclarecer o mistério. Telefonei para outro amigo que vive numa aldeia perto da primeira e ele foi saber. Tinha havido uma grande trovoada na região e uma faísca danificara vários telefones, entre os quais, por azar, o que eu queria.

«E aqui têm os meus caros leitores, se acaso tenho alguns, como sem gastar um pataco passei uma tarde divertidíssima...»

Do nosso assinante João Leitão Rodrigues, ex-sargento H FZE, de Canas de Santa Maria, recebemos uma carta de que transcrevemos:

«(...) Há muito que ando para vos dar notícias, mas o tempo aqui também foge...
«Actualmente estou a superintender os serviços de enfermagem da Caixa de Previdência do Distrito de Viseu. Serve este apontamento para dar notícias a todos os colegas que, concerteza, têm feito a pergunta que eu faço quando encontro outro camarada ou quando medito um pouco no passado.
«– Onde está fulano? E sicrano? – pois, normalmente, é esta a pergunta que se faz, como aliás há dias fiz, quando encontrei o ex-cabo FZE Brito.
«Não calcula, sr. Director, a alegria que houve entre nós, quando nos vimos, depois de muitos anos. Eu conheci o Brito na 3.ª enfermaria do Hospital da Marinha, quando lá esteve internado e eu era aluno e mais tarde cabo H.
«Até começámos a falar mais alto, quando nos identificámos como ex-marinheiros!...
«O Brito, quando esteve internado dava muitas vezes o *salto (com nosso conhecimento...)* para ir às aulas do 2.º ciclo; mas teve proveito. Foi bom para a sociedade, porque ele é hoje um funcionário bancário dedicado, competente e excepcionalmente delicado. Andou na Marinha...

«Qualquer dia volto a escrever, para recordar velhos tempos. Não conhecem a história do *papel higiénico e um burro desenhado com a bolsa de enfermeiro FZE,* quando o dito ia no *S. Gabriel* para Angola?
«Talvez a conte à Revista...»

N.R. – Cá ficamos à espera da história...

* * *

Do ex-1.º-gr. L n.º 2348/73 – Oliveira, embarcado no SS «Fairsky», na Austrália, recebemos um postal ilustrado de que transcrevemos:

«Austrália, 23-8-76.
«Este postal é uma lembrança de um marinheiro que hoje recorda com tristeza e saudade os dias maravilhosos que passei na nossa querida Marinha, apesar de nunca ter embarcado enquanto estive ao serviço.
«Agora, como tripulante de um navio mercante (paquete) vejo bem o que perdi!
«Um abraço para a Armada e outro para a Revista.»

Do nosso assinante António Manuel Nogueira Garcia, ex-mar. L n.º 294/72, recebemos outra carta de que transcrevemos:

«Lisboa, 21 Set. 1976.
«(...) Ainda bem que a nossa Revista tem uma Secretaria organizada e detecta logo as assinaturas que caducam e envia o respectivo recibo da renovação, pois sabe que a Revista tem aceitação junto dos antigos marujos.
«(...) Termino com votos para que a Revista avance e prospere, pois só assim podemos matar saudades desse tempo maravilhoso que foi o da Marinha.
«Sem mais envio cumprimentos para todos os elementos que dia-a-dia trabalham na elaboração e execução da nossa grande e prestigiosa «Revista da Armada».

* * *

De Joaquim Manuel Lopes, ex-marinheiro FZ n.º 1993/74, de Móra – Alto Alentejo, recebemos uma carta, inscrevendo-se como assinante da Revista e enviando saudações a todos os oficiais, sargentos e praças da Armada «de um ex-mar. FZ que se orgulha de ter vestido a farda de alcaxa durante dois anos».

* * *

Do nosso assinante Ângelo Gregório Codinha, ex-aluno marinheiro n.º 6120/33 e ex-1.º artilheiro telemetrista n.º 3202, recebemos a carta que transcrevemos:

«Nazaré, 22 de Setembro de 1976.
«Em primeiro lugar as minhas cordiais saudações a todo o elenco da *nossa* Revista.
«Quando há dias relia o exemplar n.º13, de Out. 72, prendeu-me especialmente a atenção a rúbrica *Conversa entre Marinheiros,* que me trouxe à mente a recordação de alguns episódios que eu vivi a bordo do aviso de 2.ª classe *Pedro Nunes.* Também fazia parte da guarnição desse navio, como grumete artilheiro, aquando das manobras navais de 1935 na Madeira e Açores. Lembro-me perfeitamente da manifestação feita ao popular futebolista e sargento carpinteiro Augusto Silva, só que, tenho a ideia que essa manifestação – se a memória me não falha – foi em Angra do Heroísmo.
«O aviso *Pedro Nunes* fazia nessas manobras o duplo papel de navio-apoio e navio-hospital. Recordo-me que a população da ilha organizou uma corrida de touros à corda, em honra da marinhagem e nela foi muito maltratado um despenseiro de nome Manuel Faia, que mais tarde viria a ser cabo de forcados do Grupo de Tomar.
«Andei pois embarcado com o senhor comodoro Malheiro do Vale, mas francamente não tenho a menor ideia dele, o que não é de admirar visto que já passaram 41 anos!
«Findas as manobras, a esquadra regressou a Lisboa, mas o *Pedro Nunes* pouco tempo esteve inactivo. Foi incumbido de ir ao Algarve para fazer entrar na ordem as traineiras espanholas que andavam a pescar nas nossas águas. Num dia apresámos 5 ou 6 que levámos para Faro.
«Não sei se o senhor comodoro Malheiro do Vale – guarda-marinha de então – ainda fazia parte da oficialidade do *Pedro Nunes.* Do Algarve, fui chamado a Lisboa para fazer as provas de mar para o curso de telemetrista – por sinal o primeiro da Armada. Findo o curso, os telemetristas foram distribuídos pelos navios e eu voltei de novo ao *Pedro Nunes,* por este aviso ter telémetro de coincidência a ser esta a minha extra-especialização.
«Fui encontrar a guarnição já muito modificada, em comandante o senhor capitão-de-fragata Manuel José Possante e imediato o primeiro-tenente Horácio Faria Pereira; o carpinteiro de bordo é que era o mesmo, o sargento Augusto Silva. Fizemos o périplo de África, permanecemos três meses em Lourenço Marques e durante esse tempo foi o sargento Augusto Silva rodeado de tantas atenções que me é difícil descrevê-las. Basta dizer que todos os dias tinha à sua disposição um automóvel para o transportar de bordo para terra e vice-versa. Nessa época era campeão crónico de Moçambique o Ferroviário de Lourenço Marques, mas nesse ano, em 1937, foi campeão o Desportivo de 1.º de Maio daquela cidade orientado e treinado pelo *nosso* Augusto Silva. Tive a felicidade de conhecer muito bem este homem até porque, por feliz coincidência, fazia parte do pessoal da mesma faina – içar e arriar os portalós.
«Fiquei com muitas recordações dessa viagem, umas boas e outras más como é evidente. Relatá-las seria fastidioso, mas há uma que de modo algum quero deixar de o fazer: a manifestação que nos dispensaram nos Paços do Concelho do Chinde, após um jogo de futebol que o grupo do navio realizou com uma selecção local, Luabo e Quelimane, e que perdemos por 0-2. Fiz parte do grupo, no lugar de guarda-redes, como aliás em toda a viagem. Só foi pena que se tivesse dado um lamentável incidente; já no final do jogo houve um choque entre o guarda-marinha Albano Custódio e um defesa contrário de que resultou este partir uma perna com fractura exposta. Felizmente para ele tínhamos a bordo um médico competentíssimo, o dr. Pinto Basto, que o tratou de uma forma tão eficiente que até causou espanto (...).
«Ainda outro episódio desta viagem: Tínhamos saído do Lobito com destino a Lourenço Marques e a um dia e meio de viagem começámos a apanhar mau tempo que foi aumentando assustadoramente, até que próximo da Cidade do Cabo, a situação se tornou quase insustentável. A tal ponto que a oficialidade do navio pediu ao comandante para arribar a este porto, mas ele não anuiu. Dizia-se a bordo que não arribava porque quando fora

chefe do Gabinete do Ministro da Marinha nunca consentiu que nenhum navio de guerra arribasse, portanto navio que ele comandasse jamais arribaria, fossem quais fossem as circunstâncias! Confesso que, durante a minha permanência na Armada – 13 anos e meio –, foi esta a viagem mais dolorosa que fiz.

«Diz-se, e com muita propriedade, que recordar é viver e eu ao escrever estas modestas linhas senti-me inebriado com a recordação de um passado já muito distante, mas que nunca poderei esquecer«.

* * *

GUERRA

Ódio, egoismo, medo, botas gas-
[tas,
barbas hirsutas, cansaço, lama
sacrifícios, saudades, recorda-
[ções,
desejos, lamentos, gritos e ais,
granadas, metralha e vendavais.
Sol, doença, nostalgia, chuva e
lágrimas que se misturam.
Lonjura, imensidão, noite, angús-
[tia,
capim, só capim, como um mar
[sem fim.
Gritos, ordens, movimentos, fuga,
granadas, cobardia, metralha,
sangue, mortes e mutilações.
Famílias sem chefe,
crianças sem pais.
Um ano... mais um... meses e
[ambições.
Regresso, partida, recordações,
um adeus para sempre...
Filhos da guerra, crianças sem
[pais.
Chegada, abraços, risos e alegria.
Decepções.
Amor, só amor, ambição de viver,
e nada mais.
Algumas entre poucas,
famílias com chefe,
crianças com pais.

António Costa

* * *

ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO DA ÚLTIMA GUARNIÇÃO DO AVISO «GONÇALVES ZARCO»

O almoço anunciado na Revista n.º 59, de Agosto último, é adiado para o dia 11 de Dezembro próximo. Continua aberta a inscrição na «Revista da Armada» – Ministério da Marinha – Lisboa 2 (Telef. 37 04 58), até 1 de Dezembro.

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Temos o prazer de anunciar o matrimónio dos seguintes camaradas, aos quais desejamos as maiores felicidades:

1.º-sarg. TR Ernesto Bugalho Correia com D. Maria da Conceição Rosado, em 8-8-76.

1.º-sarg. L Celestino de Freitas Moreira com D. Raquel dos Reis Maciel, em 1-9-76.

2.º-sarg. TR João Gaspar de Almeida com D. Glória Pires Ferreira Ramada, em 28-8-76.

1600/68/Mar. TFD Domingos Fernando da Silva Duarte com D. Maria de Lurdes Pereira Ramos, em 1-8-76.

1298/68/Mar. C Arlindo de Oliveira Ferreira com D. Lúcia Martins Carvalho, em 8-8-76.

77/69/Mar. L António de Almeida Machado com D. Ana Maria Salvado dos Santos, em 8-8-76.

1493/70/Mar. TEH João Correia Soares com D. Maria da Conceição Salgueiro, em 1-8-76.

1944/71/Mar. TFH José Joaquim Sanches Gil com D. Maria Helena de Jesus Louro, em 15-8-76.

1485/73/Mar. CM Armindo Costa Póvoa com D. Maria Salete Mamede Ferreira, em 11-8-76.

1113/75/2.º-gr. E Armindo Brás da Silva com D. Maria Adelaide Nogueira Miranda, em 14-8-76.

* * *

PASSAGENS À RESERVA

Cap.-m.-g. Avelino Teixeira da Mota, em 22-9-76.

1.º-ten. SG Joaquim da Silva, em 17-9-76.

1.º-ten. SG António Pinto, em 27-9-76.

2.º-ten. SG António de Oliveira Torres, em 2-8-76.

Sarg.aj. CM Joaquim Cardoso, em 8-9-76.

Sarg.aj. V Arnaldo Caetano Baeta, em 31-8-76.

Sarg.-aj. A José Ferreira Alves, em 1-9-76.

1.º-sarg. CM António Joaquim Costa Martins, em 2-8-76.

1.º-sarg. A Gabriel Martins Nunes, em 3-9-76.

1.º-sarg. A Vicente José Garcia, em 6-8-76.

1.º-sarg. E Manuel da Silva Francisco, em 6-8-76.

1.º-sarg. A Miguel Pedro Coelho, em 6-8-76.

1.º-sarg. S Francisco Manuel Pinto, em 9-8-76.

1.º-sarg. CM Laurindo Mateus, em 18-8-76.

1.º-sarg. A Sebastião dos Santos Alves, em 19-8-76.

1.º-sarg. CM Joaquim Rodrigues Pascoal, em 31-8-76.

1.º-sarg. CM Quintino Alberto da Silva, em 31-8-76.

1.º-sarg. CM Eduardo Augusto Martins, em 31-8-76.

1.º-sarg. H Manuel Vitorino, em 31-8-76.

1.º-sarg. S Abílio Rosado Pacheco, em 31-8-76.

1.º-sarg. M Norberto dos Santos, em 2-9-76.

1.º-sarg. M José Soares da Rocha, em 8-9-76.
1057/Cabo A José Tomás Monteiro, em 8-9-76.
1260/Cabo M Mateus Ribeiro, em 31-8-76.
1413/Cabo A Vitorino Joaquim Rocha, em 4-9-76.
1583/Cabo CM Francisco de Jesus Oliveira, em 3-8-76.
1796/Cabo S José dos Santos Fernandes, em 3-8-76.
1920/Cabo CM Manuel Simões Baptista, em 12-8-76.
2155/Cabo M António Pina Cabral, em 31-8-76.
2693/Cabo A Manuel de Sá, em 9-9-76.
2732/Cabo TFD José Cardoso Cunha, em 9-8-76.
2793/Cabo CM Alberto Ventura, em 6-9-76.
3101/Cabo R José Augusto Pinto, em 6-9-76.
3711/Cabo C José Manuel Borralho, em 30-8-76.
3762/Cabo M Américo dos Santos Chaves, em 3-9-76.

* * *

FALECIMENTOS

É com desgosto que anunciamos o falecimento dos seguintes camaradas, a cujas famílias apresentamos sentidas condolências:

C.-alm. RF João Xavier Ramalho Rosa, em 7-9-76.
C.-alm. RF Joaquim Marques Esparteiro, em 2-10-76.
Com. RF Jacinto Flaeschen Pereira de Mendonça, em 14-10-76.
Cap.-ten. FN RF Carlos Cândido Coutinho, em 21-9-76.
1.º-ten. SG RF António da Silva Lameira, 2-10-76.
1.º-sarg. FZ RA José Francisco Parrinha, em 1-9-76.
1.º-sarg. M RF Sebastião Lopes Carriço, em 9-8-76.
1.º-sarg. T RF Alfredo Costa, em 31-8-76.
1.º-sarg. S RF Joaquim Eduardo, em 15-8-76.
1554/Cabo V António Pereira, em 24-9-76.

O Alcoolismo

Em todos os tempos o homem usou e abusou das bebidas alcoólicas.
Para esse facto muito contribuem antigos costumes de certas religiões, em cujos ritos utilizavam constantes ligações. Como por exemplo, poderemos apontar o culto de Dionísio – o Deus do Vinho na mitologia grega. Os grandes banquetes e as orgias do povo romano em honra de Deus Baco, são outros históricos exemplos do abuso do álcool.
Fosse qual fosse a história do vinho, o facto é que o excesso do álcool se tornou infelizmente frequente nos nossos dias em todos os meios. Prouvera a Deus que a nossa Armada fosse uma excepção.
O alcoolismo constitui um dos mais graves problemas sociais com todas as consequências de ordem económica e moral que dele advêm.
Antes de tentarmos dar uma ideia do que é o alcoolismo iremos analisar as causas que levam ao uso do álcool segundo afirmações e conclusões obtidas em investigações de vária ordem.
As causas do uso das bebidas alcoólicas podemos dividi-las em três grupos: MEIO AMBIENTE – SITUAÇÕES PSÍQUICAS – CAUSAS PATOLÓGICAS, que descrevemos:

MEIO AMBIENTE:

– O uso das bebidas em comum está generalizado na vida da sociedade moderna. Qualquer reunião, encontro, negócios, visitas e festas são regadas mais ou menos copiosamente com um «cocktail». Vai-se ao café, ao cinema e bebe-se quase sempre...
– A publicidade das bebidas alcoólicas é outro meio de difusão e exemplo que nos mostra claramente como é a própria sociedade que estimula o seu uso.
– Os conceitos populares de que o álcool tem valor nutritivo-medicinal, levaram a esse tão arreigado hábito do «mata-bicho» matinal constituido por um ou vários copos de vinho ou aguardente, de tão prejudicial efeito para a saúde, como veremos adiante.
– Por vezes, especialmente na província e nas classes operárias, a tradicional frequência da taberna, por não disporem muitas vezes de outros locais de diversão ou recreio.

SITUAÇÕES PSÍQUICAS:

– Aumento da angústia dos indíviduos da nossa sociedade sendo, por vezes a bebida um meio de fugir à realidade dos problemas. O homem procura encontrar no álcool o meio de esquecer as dificuldades da vida.
– A sensação de prazer que se sente ao tomar uma bebida alcoólica. O álcool proporciona um desabafo intrínseco dos problemas, dando uma distensão psíquica por vezes agradável.

CAUSAS PATOLÓGICAS:

Não podemos esquecer uma certa força de carácter hereditário, em que o indivíduo pode já ser predisposto para o alcoolismo e doenças consequentes por herança embrionária dos seus antepassados. Há taras e certas propensões naturais em algumas pessoas que as levam, se não fizerem por se corrigir, a estados patológicos de abuso de álcool.
Mas sobre isto há muito a dizer.

As mesmas razões que proibem o suicídio proibem igualmente qualquer mutilação em geral, qualquer excesso ou imprudência que sejam de molde a comprometer a vida e a saúde do corpo. A sobriedade, a pureza dos costumes e a temperança são pois obrigações rigorosas que emanam do dever fundamental da conservação de si mesmo. Vem a propósito falar do alcoolismo e dos seus desastrosos efeitos, sobre a saúde física e moral das suas vítimas.

Falaremos mais adiante da temperança num sentido mais geral, isto é, como um dever que se relaciona com a alma.

NATUREZA DO ALCOOLISMO

Por alcoolismo entende-se um estado patológico do corpo e do espírito causado pelo uso excessivo e prolongado das bebidas espirituosas. Em razão da extensão que atingiu nos últimos 50 anos, e da influência desastrosa que exerce na saúde e nos costumes públicos, pode dizer-se que é um dos flagelos mais temíveis contra o qual têm de lutar as nações modernas.

Os efeitos do alcoolismo são simultaneamente: FÍSICOS – MORAIS – SOCIAIS – ECONÓMICOS:

Efeitos FÍSICOS:

É um facto observado que o abuso das bebidas alcoólicas determinam as mais graves perturbações no sistema nervoso e nas funções da circulação e digestão. Produz uma degenerescência progressiva nos órgãos essenciais à vida: cérebro, coração, fígado, estômago e pulmões e é a fonte de inúmeras doenças. A desordem manifesta-se com dores de cabeça, vertigens, alucinações e um enfraquecimento progressivo das faculdades intelectuais: preguiça de espírito, perda de memória, embaraço no falar, tremuras incessantes dos membros, acessos passageiros de delírio alternando por vezes com acessos de epilepsia, sobretudo quando o ébrio fez uso frequente de absinto; e finalmente na loucura, na imbecilidade e na paralisia. Nota-se que para chegar a este estado não é preciso, como geralmente se crê, entregar-se à embriaguez habitual; basta, na maioria das vezes, a intoxicação crónica e difusa, provocada por doses de álcool relativamente moderadas, mas tomadas regular e quotidianamente.

Efeitos MORAIS:

O abuso das bebidas alcoólicas traz além disso consigo, a decadência moral dos indivíduos. Tornando-se o espírito incapaz de atenção e de esforço, as energias da vontade afrouxam, a imaginação exalta-se e o homem acha-se entregue sem defesa a todas as seduções do vício.

Efeitos SOCIAIS:

O alcoolismo é particularmente funesto por causa dos seus efeitos, porque estes não se limitam àqueles que deles abusam, mas se transmitem à geração envenenando as fontes da vida e perpectuando-se na raça pela hereditariedade.

Efeitos ECONÓMICOS:

Que diremos agora das consequências económicas do alcoolismo, da sua perniciosa influência na riqueza do país, não só desperdício dos capitais e pelas ruínas morais e materiais que acumula, mas ainda pela diminuição crescente da sua capacidade produtiva?

REMÉDIOS

Que remédios se devem aplicar a mal de tanta gravidade?

– Há-os puramente externos; tais são os remédios legais como a repressão da embriaguez, a limitação do número das tabernas, a proibição das bebidas alcoólicas, etc.; e os remédios fiscais, como a redução dos direitos das bebidas higiénicas (vinhos, cerveja, cidras), o aumento de direitos sobre o álcool, etc.Mas todos estes meios são demasiadamente superficiais para oporem uma barreira a um mal profundamente enraizado. Os remédios verdadeiramente, são os morais:

Antes de mais nada, é a religião que, juntamente com a observância das leis divinas, dá também força para a observar. É a educação que faz contrair à criança hábitos de temperança, de moderação e de domínio sobre si mesmo.

É finalmente a instrução, em particular o ensino da psicologia, da moral, da higiene e da economia que nos dá a conhecer as consequências funestas do alcoolismo, e nos inspira a seu respeito um horror salutar.

* * *

Acrescentemos que as ligas de temperança produziram já em vários países excelentes resultados. Nunca será demais multiplicá-las e favorecer o seu desenvolvimento. Estes deveres dividem-se naturalmente, segundo as faculdades a que se referem, a deveres atinentes à sensibilidade, à inteligência e à vontade. Cada um destes deveres é simultaneamente negativo, enquanto proibe o que degrada, e positivo, enquanto ordena o que eleva e aperfeiçoa. Se pensássemos um pouco sobre os graves inconvenientes que acarreta para o homem o abuso excessivo de todas as bebidas espirituosas, e para os seus descendentes, certamente que haveria uma moderação maior, evitando assim desordens, dispêndio de salários, contendas entre famílias, e a vida certamente que lhe sorriria mais. O abuso do terrível absinto, fecha por completo a janela ao re-

flexo da felicidade que luta para entrar e iluminar todos os recantos de um lar, suavizando de uma maneira geral todo o agregado familiar que tanto trabalha para que esses raios nunca sejam impedidos e por vezes, uma só vidraça, contamina e torna imundo todo o recheio atmosférico habitacional de uma vida conjugal.

Se quisermos mais tarde ter algum benefício, encaremos o problema a sério pondo de parte o supérfluo do álcool, que vai minar e contaminar os órgãos essenciais à vida tornando-os assim em seres incapazes da consideração e estima dos outros.

* * *

Como quadros particulares, o alcoolismo apresenta o *delirium-tremens,* a *alucinose alcoólica,* o *delírio de ciúmes* e o *sindroma de Korsakoff.*

Delirium-tremens–constitui o quadro mais agudo e é mais frequente no homem, que apresenta como sintomas mais notáveis e primários: o delírio, tremores, alucinações visuais e tácteis, etc. e, normalmente por detrás deste quadro existe uma infecção.

Alucinose alcoólica–esta, é frequente nas mulheres e indivíduos com menos de 30 anos, ataca os bebedores numa percentagem de cerca de 10% e oferece uma sintomatologia com origem auditiva e visual.

Delírio de ciúmes – a sua evolução é variável, depende do meio e nível social.

Sindroma de Korsakoff – é uma complicação consequente do *delírio-tremens,* que não foi curado. O indivíduo apresenta: perda de fixação e memória, desorientação no tempo e no espaço, lucidez e confabulação em que o indivíduo, devido à perda de memória, inventa histórias.

Pinto Santos
1.º-sarg. H

A peça de Artilharia do Palácio Ducal de Vila Viçosa

a mais pequena peça de artilharia conhecida e existente em Portugal

A artilharia, com sentido moderno, começou, segundo parece, a ser usada na Europa ocidental, no primeiro quartel do século XIV. Julga-se também, de acordo com os raros escritos dessa época, que as primeiras peças (muitas das quais eram ligeiras e individuais, entrando assim nas armas portáteis) foram chamadas *ribauldequins* e outras designações semelhantes, que correspondem certamente ao castelhano *ribadequins,* etc.

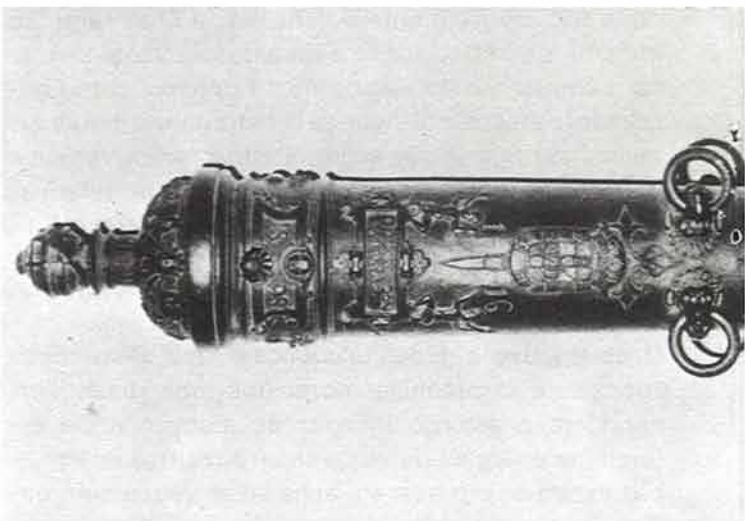
Pela mesma ocasião aparecem também, outras peças de artilharia de calibre ligeiramente superior, mas também muito pequeno, que não podiam ser manejadas por um só homem, e cujos nomes são extremamente variados.

As primeiras que são designadas por nomes muito diversos, figuram nas seis de Malines, em regra com o nome genérico de *bombarda marmória.* Quanto aos *ribauldequins,* eram sem dúvida, originariamente construídos por duas partes, o *tubo* e a *câmara,* na qual se depositava a pólvora, em peso suficiente, relacionado com o peso do projéctil, mas que diferentes indícios nos levam a supor avaliado por cada atirador. Estas várias circunstâncias: pequeno peso do projéctil, obturação variável, mas sempre deficiente, irregularidades dos efeitos da pólvora, tornaram o tiro extremamente impreciso, e bastam para explicar o fraco ou nenhum efeito que no resultado das batalhas tinha o uso, para qualquer dos partidos, das bocas de fogo que apresentavam.

Com os progressos da metalurgia a artilharia foi-se aperfeiçoando sem que a sua eficiência crescesse muito. Finalmente, ainda antes do princípio do século XV, a fundição de bronze, em massas mais consideráveis, permitiu o fabrico de peças de grande peso atirando maiores projécteis de ferro ou de pedra. Também pela mesma razão as bocas de fogo, formadas por diferentes anéis de ferro, ligados por outros, foram substituidas por armas de bronze, com o andar dos tempos.

Desde os meados do século XVI, portanto, cada peça de artilharia era formada por um tubo único, que compreendia o canhão e a câmara, de eixos coincidentes e do mesmo ou de diferente diâmetro.

As peças de muito pequeno calibre dessa época obedecem todas a esta regra de construção.



Uma das mais pequenas peças de artilharia existentes em Portugal é, certamente, a que faz parte das colecções pertencentes à Casa de Bragança — expostas em Vila Viçosa, na Armaria do Palácio Ducal.

As suas características são as seguintes:

Comprimento exterior	1,42 m
Comprimento da alma	1,28 m
Espessura máxima	131 mm
Espessura mínima	73 mm
Calibre	46 mm
Peso da peça	69 kg.

Segundo as normas da artilharia regular da época, o *calibre-peso* seria, pois, aproximadamente de 9 onças de ferro ou um arratel e cinco onças de chumbo. Assim, esta boca de fogo poderia ser classificada como falconete; o comprimento que teria nesse caso cerca de 32 calibres aproximadamente, era o correspondente às proporções do falconete, mas o pequeno peso do projéctil, que podia lançar, não lhe permitia entrar na classificação apresentada pelos teóricos da época.

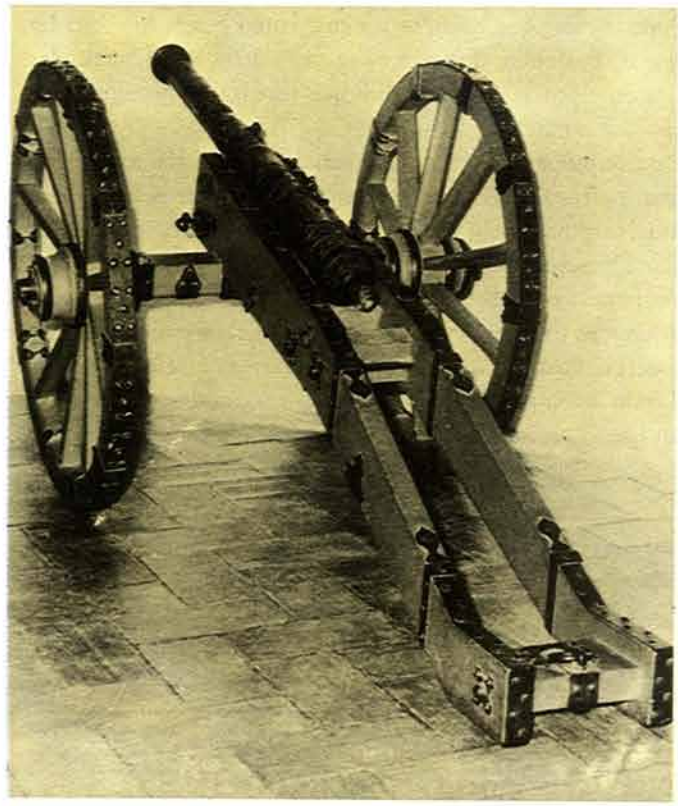
Seria um falconete extraordinário... O seu principal interesse é ter sido mandado fundir especialmente para o 3.º duque de Aveiro.

Foi 3.º duque de Aveiro, D. Álvaro de Lencastre, que morreu em 13 de Setembro de 1626, filho de D. Álvaro de Lencastre irmão do 1.º duque. Este fidalgo depois de disputar longamente a sucessão ao título e ao Ducado de Aveiro, com os mais abalizados jurisconsultos, casou com sua prima D. Juliana de Lencastre, única filha do 2.º duque, D. Jorge de Lencastre, que morreu em Alcácer Quibir.

O casamento dos duques de Aveiro foi feito por determinação real, no tempo de Filipe I, pondo termo às inúmeras questões jurídicas da sucessão da Casa de Aveiro, tendo sido o melhor meio de unificação desta importante família, unindo os dois ramos inimigos, de que resultou um lar com 16 filhos.

D. Juliana de Lencastre faleceu em 23 de Agosto de 1636, e foi sepultada no Convento da Arrábida, assim como seu marido.

Tanto o 3.º duque de Aveiro, como sua mulher, foram ardentes partidários da união de Portugal com Castela, tendo sempre a preocupação de se igualarem à Casa de Bragança,

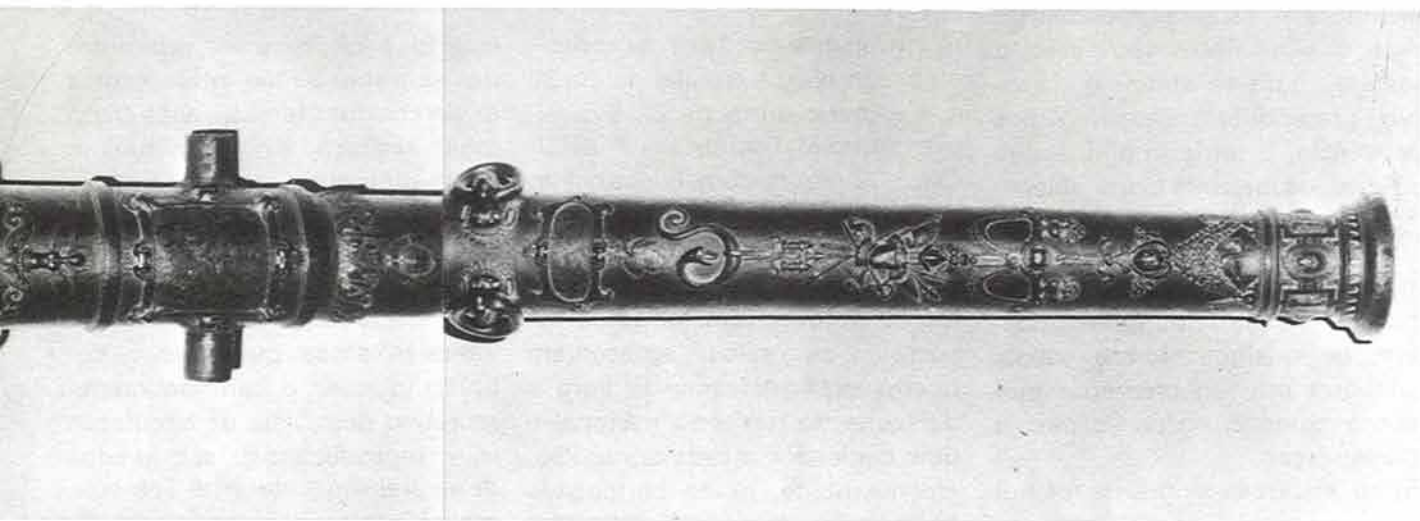


conseguindo várias mercês e entre outras, a do título de marquês de Torres Novas para a herdeira de sua Casa.

É deste 3.º duque de Aveiro, D. Álvaro de Lencastre, certamente, que está gravado o nome em relevo no exterior do tubo da peça, seguido da data de 1592 e do Brasão de Armas de Lencastres com a Coroa de Duque e sobreposto a uma Cruz de Santiago.

A confirmação de que a peça referida foi mandada fazer pelo 3.º duque de Aveiro é dada pelo Escudo de Lencastre, sobreposto à Cruz da Ordem de Santiago, porque no ramo dos marqueses de Porto Seguro, estava hereditariamente fixado o cargo de comendador dessa Ordem.

Quanto à história da peça, quase nada foi possível saber. Apenas nos consta que foi propriedade da Armaria da Casa de Saboia, e oferecida à Casa Real Portuguesa (talvez por Vítor Manuel II, da Sardenha, que teve o mesmo nome como rei da Itália). É provável que o motivo da oferta fosse a confusão das Armas dos Lencastres com as Armas Reais



Portuguesas, que diferem apenas, como é sabido, pelo ferrete de bastardia, que terá escapado à atenção de quem classificou a arma, e pelo timbre que não figura na representação das armas.

Para terminar este breve apontamento, gostaríamos de chamar a atenção dos que têm o encargo de zelar pelo património Nacional, para a acomodação e organização com que são apresentadas as diversas peças na Armaria Ducal, aos visitantes, e também para a forma como são conservados os diferentes exemplares, a fim de se tomarem precauções para a defesa desta preciosa colecção de armas e seus pertences.

Tendo acompanhado, em colaboração com o meu velho amigo — capitão Gastão de Mello e Mattos — académico de número da Academia Portuguesa de História, a organização de um inventário, bastante incompleto em pormenores, de tudo o que existia na Armaria Ducal, verificámos que muitos exemplares ali existentes, eram dignos de nota e destaque, porque talvez fossem únicos em colecções portuguesas.

Luís Stubbs Saldanha Monteiro Bandeira

Bibliografia:

Gastão de Mello e Mattos, *Memórias sobre o alcance das Armas usadas no século XV a XVIII.*

Passos e Sousa, *Artilharia e Artilheiros de Elvas.*

Teixeira Botelho, *Novos Subsídios para a História da Artilharia Portuguesa.*

Lazaro de Isla, *Breve tratado de la Artilharia.*

J. M. Cordeiro, *Apontamentos para a História da Artilharia Portuguesa.*

Braancamp Freire, *Armaria Portuguesa.*

Filatelia

NOVOS SELOS PORTUGUESES

Foram duas as emissões de selos que os CTT puseram em circulação durante o passado mês de Setembro, ambas referidas no plano para 1976.

A primeira alusiva à alfabetização, foi posta a circular no dia 15 e é constituida por quatro selos diferentes, que reproduzimos. Têm a particularidade de terem todos a mesma taxa, o que se verifica pela primeira vez entre nós. Sabido, como é, quão pertinente é este tema, cremos que estes selos não se inserem nele com a potencialidade que seria de prever, uma vez que os desenhos que os ilustram nada nos dizem sobre o assunto e as palavras «Alfabetização» e «Trabalho» não serão o bastante para se atingir o objectivo pretendido. Sugestivo por excelência, o tema impunha que dele se ocupassem com objectividade e talvez simplicidade de forma a tornar cada selo uma mensagem dirigida colectivamente, no sentido de todos poderem, de qualquer forma válida, colaborar em tão premente problema, como é, no nosso país, a alfabetização.

Enfim, esperava-se mais e melhor desta série.

A outra, que também reproduzimos, começou a circular no dia 30 e é «Anunciadora da 2.ª Exposição Mundial Temática – PORTUCALE 77» que, com o patrocínio da Federação Internacional de Filatelia, se realizará em Portugal no próximo ano. Verdadeiramente notáveis em todos os aspectos, os selos apresentam quatro espécies raras da flora e da fauna do território nacional – dois dedicados a cada tema. São, efectivamente, muito perfeitos e belos estes selos. Se é certo que esta foi a primeira vez que entre nós se tratou de tão interessantes e apreciados temas, aliás com muita aceitação e por isso mesmo muito difundidos, certo é também que estes vão marcar posição de relevo entre todos os seus congéneres, que até hoje foram emitidos em todo o mundo.

Refira-se ainda que quer o sobrescrito quer o carimbo comemorativo do 1.º dia de circulação (que reproduzimos), são plenos de expressão e de arte. Também magníficos.

CATÁLOGO DE BILHETES POSTAIS

Como aqui noticiámos, apareceu à venda um Catálogo de Bilhetes Postais de Portugal Continental, muito bem concebido pelo distinto filatelista Américo Mascarenhas Pereira. Obra de muito interesse e completa, veio, sem contestação, preencher uma das grandes lacunas do nosso meio filatélico. É por demais evidente que as reservas que muitos coleccionadores mantinham em aceitar os bilhetes postais emitidos pelos CTT, com selo incluido, como peças filatélicas de interesse, já não têm razão de ser, pois cada um de nós tem, a partir deste trabalho, um guia completo sobre a data, o tipo, a taxa, o modo de impressão utilizado, a série a que cada um pertence – todos os elementos esclarecedores, incluindo as respectivas cotações.

Este catálogo é, sem dúvida, um magnífico apoio para todos os que em velhas arcas e baús pesquisam e encontram estas velharias que, sem favor, têm um lugar destacado na filatelia.

Renovamos os nossos agradecimentos a Victor Simarro, com casa filatélica na Rua 31 de Janeiro, no Porto, pela gentil oferta desta obra.

G. Brandão
2.º-ten. SG

Saibam Todos

Que a comparticipação em medicamentos aos beneficiários da ADMA (Assistência na Doença aos Militares da Armada) é concedida no acto da compra na farmácia, mediante a entrega de receita com o nome e o número de beneficiário, apostos pelo médico assistente, e a exibição do respectivo cartão de identificação da ADMA. Por isso se recomenda aos beneficiários que sejam sempre portadores daquele cartão.

Que só em casos excepcionais, devidamente justificados, serão concedidas comparticipações em numerário através dos órgãos de execução da ADMA.

* * *

Que nas comparticipações dos S.S.F.A. (Serviços Sociais das Forças Armadas) a atribuir aos beneficiários que utilizem serviços de infantários ou de amas (só para crianças até 6 anos) será mantido, no ano lectivo de 1976/77, o mesmo valor do ano anterior (500$00/criança/mês).

Que no ano lectivo corrente serão corrigidos alguns elementos processuais que, no ano anterior, por não serem respeitados pelos beneficiários, deram lugar a perturbações nos serviços, a que corresponderam erros, que os afectaram logicamente.

Que nestas condições, é chamada a atenção dos beneficiários interessados para as seguintes regras a respeitar:

1. — Os boletins de inscrição (em papel cor de rosa) devem ser preenchidos total e correctamente e serão entregues no Serviço de Atendimento ou remetidos pelo correio para os S.S.F.A. ou suas delegações, APENAS durante os seguintes períodos:

— 1 a 31 de Out. de 1976
— 1 a 28 de Fev. de 1977
— 1 a 31 de Jul de 1977

Isto significa que, quem se esqueceu, quem não teve conhecimento desta nova ajuda ou que não tinha filhos nas condições do n.º 2 desta notícia, dentro de cada um daqueles períodos, entregará o boletim no período seguinte, acompanhado do recibo ou recibos, desde o mês em que a criança ingressou no infantário ou ama.

2. — As crianças só podem ser inscritas após os 3 meses de idade e até aos 6 anos incompletos.

3. — Todos aqueles que no ano lectivo de 75/76, e só esses, enviaram documentos de despesa ou boletins de inscrição que não puderam ser aceites por terem chefado fora do prazo, entregarão em Outubro os seus boletins, acompanhados dos recibos que lhe foram devolvidos, com excepção dos recibos referentes a 1975 que não serão pagos.

4. — Com os boletins de inscrição serão entregues o recibo ou recibos dos meses até então pagos, a fim de se poder dar início ao pagamento que, uma vez efectuado, se repetirá todos os meses até Setembro de 1977 sem mais nenhuma intervenção do beneficiário.

O beneficiário receberá, portanto um aviso do Banco para levantar a importância correspondente à comparticipação do mês anterior e todos os meses, na mesma data, poderá levantar nova importância sem necessidade de aguardar aviso.

a) — Se a criança, por qualquer motivo, deixar de frequentar o infantário ou ama, o beneficiário deverá dar, do facto, imediato conhecimento à 3.ª Repartição dos S.S.F.A., a fim de ser interrompido o pagamento, evitando-se assim a posterior reposição das comparticipações enviadas indevidamente, operação incómoda para os beneficiários e para os Serviços.

b) — O facto da criança mudar de infantário ou de ama, não obriga a qualquer comunicação aos Serviços, a menos que o custo do novo infantário ou nova ama seja inferior a 500$00 e à quantia inicialmente indicada.

5. — Os recibos deverão ser redigidos e selados nas condições legais, não tendo o beneficiário que preocupar-se com a sua remessa pontual, visto que, uma vez iniciado o pagamento, só será interrompido das condições da alínea a) do n.º 4. Os recibos poderão ser enviados ou entregues em grupos de 3 ou 4, não esquecendo que nele deve ser inscrito o número correcto do beneficiário, tirado do seu cartão de sócio dos S.S.F.A.

Não se aceitam declarações de despesa.

6. — A comparticipação nunca poderá ser paga ao infantário ou à ama, mas unicamente ao beneficiário ou ao familiar em quem delegue.

Que os boletins de inscrição para os beneficiários supracitados poderão ser pedidos à 5.ª Repartição da D.S.P. (Bem-Estar) do Ministério da Marinha.

Desportos

O «XIXÃO» NO ALGARVE

O «Xixão» navegando a motor.

No decorrer do passado mês de Agosto o iate «Xixão» do CNOCA (Clube Náutico dos Oficiais e Cadetes da Armada) tomou parte em diversas regatas na costa algarvia.

Os resultados desportivos obtidos foram os que abaixo se discriminam:

Belém-Vilamoura 3.º
Vilamoura-Faro-Vilamoura 1.º
Vilamoura-Armação-Vilamoura 2.º

Vilamoura-Puerto de Sta. Maria 1.º Nas classificações globais, tanto nas «Regatas da Costa Sul» como nas «Regatas da Costa Dourada» obteve-se o primeiro lugar, no grupo constituído pelos concorrentes medidos em IOR Mark II.

No decorrer das regatas a tripulação do «Xixão» confraternizou com os outros concorrentes sendo de destacar a forma simpática como foi recebida em Puerto de Sta. Maria (Cádiz).

Ao «skipper» do «Xixão», capitão-tenente Alfredo Messeder, e à sua tripulação enviamos sinceros parabéns e votos de continuação de bons resultados desportivos.

Alexandre Fonseca
1.º-ten.

FORMAÇÕES DE FUTEBOL DA ARMADA DEFRONTARAM E VENCERAM EQUIPAS DO NAVIO-ESCOLA «AMERIGO VESPUCCIO» E DA FRAGATA «BACCHANT»

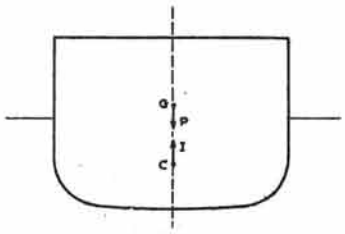
Durante a estadia no porto de Lisboa do navio-escola «Amerigo Vespuccio», da Armada italiana, uma equipa de futebol deste veleiro defrontou, no dia 7 de Setembro, nas instalações desportivas da DSEF, no Alfeite, uma formação de jogadores de várias unidades da Base Naval de Lisboa. O resultado saldou-se por uma vitória da equipa da nossa Armada pelo «score» de 3-1. A foto mostra as duas formações. (Foto de A. Carvalho, do Gabinete de Fotog. do EMA).

Aproveitando a visita ao Tejo de uma Força Naval da Grã-Bretanha, uma equipa de futebol da fragata «Bacchant» competiu com um conjunto de jogadores de diversas unidades da Base Naval de Lisboa. O jogo realizou-se no dia 29 de Setembro, no complexo desportivo do Alfeite. O desfecho foi de 5-1 a favor da equipa portuguesa, que atesta a brilhante exibição dos «nossos» rapazes. Na foto, os dois conjuntos. (Foto de A. Carvalho, do Gabinete de Fotog. do EMA).

M. Horta
Sarg.-aj. L

Terminologia Naval

ESTABILIDADE – Propriedade que o navio deve ter de retomar a sua posição normal de equilíbrio assim que cessar a causa que dela o fez desviar.



G – centro de gravidade
P – peso do navio
I – força de impulsão
C – centro de querena

Quando a força de impulsão I é igual e oposta ao peso P do navio e os respectivos centros de aplicação C e G se encontram na mesma vertical, o navio ficará em equilíbrio nessa posição, sem tendências para se inclinar, antes procurando resistir às forças que intentam incliná-lo. À estabilidade do navio perto da sua posição normal de equilíbrio ou à tendência para se endireitar quando inclinado de pequenos ângulos, chama-se estabilidade inicial.

ESTAÇÃO DE QUARENTENA – Local isolado em terra onde os elementos da guarnição dos navios ou os passageiros com doença contagiosa eram tratados ou alojados quando vindos de portos suspeitos enquanto o navio era desinfectado.

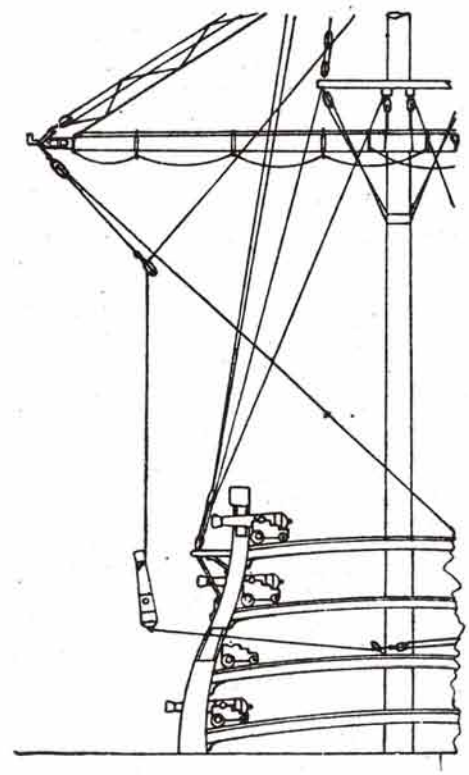
ESTACAR – Operação de desenhar no chão a figura de uma vela a partir de uma linha fixa por meio de estacas e por ela cortar os panos que formarão a vela.

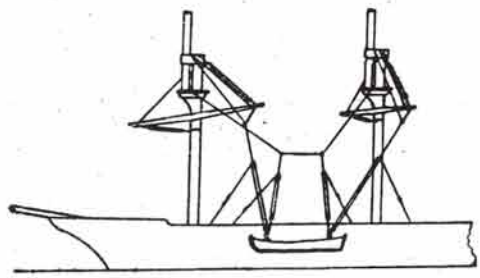
ESTAÇÃO SEMAFÓRICA – Posto costeiro munido de mastros de sinais, equipamento radiotelegráfico e outros meios de comunicação a distância para transmitir com os navios à vista.

ESTÁDIA – Instrumento usado para avaliar distâncias a um objecto quando dele seja conhecida a respectiva altura; era utilizado outrora a bordo, quando se navegava em formatura, para determinar as distâncias entre os navios.

ESTAI – Cabo que aguenta a mastreação para vante; há estais reais, de gávea, de joanete, de galope ou sobre, da giba, da bujarrona, do pica-peixe e da polaca. Alguns navios têm os mastros aguentados para ré por outros cabos designados por contra-estais.

ESTAI DE BALANÇO – Aparelho de força armado entre dois mastros para manobra de objectos pesados.





ESTAIAR – Colocar estais na mastreação; inclinar a mastreação para vante ou para ré alando pelos estais.

ESTALECA – Ânimo, força de vontade, energia para execução de um trabalho ou para realizar qualquer empreendimento.

ESTANCAR – Tornar estanque, vedar, impedir a entrada ou saída da água. Parar de chover.

S. Elpídio
Cap.-frag. AN

Numismática

AOS LEITORES

A partir deste número, vai a «Revista da Armada» passar a ter uma nova secção, intitulada NUMISMÁTICA, destinada a todos os seus leitores, nomeadamente àqueles que coleccionam ou se interessam por moedas.

Esta nova secção está aberta a todos os leitores, pelo que desde já ficamos à espera das vossas sugestões, críticas, ou qualquer outra colaboração que achem por bem divulgar.

Aos iniciados, que agora estão a entrar no caminho do coleccionismo, pedimos que não hesitem em nos apresentar dúvidas, quaisquer que elas sejam. Escrevam-nos. Há problemas que por vezes interessam a todos, e devem ser esclarecidos. É para isso que passamos a colaborar nas páginas da Revista.

No que respeita à orientação que vamos dar a esta secção, é bastante difícil defini-la à partida, tão vasto é este campo. Porém, em princípio, daremos referência às últimas novidades que forem surgindo, e que haja interesse em divulgar; tentaremos visitar museus e associações da especialidade; entrevistar pessoas de alto relevo na numismática e, tendo em atenção os mais «novos», iremos publicando artigos de índole informativa, e, por vezes, um «Glossário» esclarecendo o significado de certos termos usados na linguagem numismática.

MOEDAS COMEMORATIVAS DO 25 DE ABRIL AINDA ESTE ANO

Antes do «25 de Abril», e mais precisamente a partir de 1968, como é do conhecimento geral, iam aparecendo «à luz do dia» moedas comemorativas de 50$00, que pouco a pouco se iam tornando familiares, tal a regularidade com que surgiam no mercado (Pedro Álvares Cabral, Vasco da Gama, Marechal Carmona, Banco de Portugal e «Os Lusíadas»). Dada a aceitação que tinham por parte dos portugueses, coleccionadores e outros, não era de prever a paragem destas emissões.

Nessa altura o entusiasmo era enorme. Comprava-se e vendia-se forte. O número de coleccionadores aumentava a um ritmo nunca visto.

Com o «25 de Abril» este «hobby» foi grandemente afectado. Os grandes coleccionadores «emigraram». Ficaram os pequenos e médios, que passaram a retrair-se, pois o orçamento familiar tinha prioridade sobre o restante. Tempos difíceis para a numismática e para todos aqueles que a ela se dedicavam e dedicam. Porém, e passados que são dois anos sobre tão inesquecivel madrugada, tudo leva a crer que se está a enveredar por um caminho de recuperação.

Depois destas notas prévias, uma pergunta que surge no espírito de todos é exactamente sobre o papel desempenhado pelas entidades oficiais ao longo de todo este tempo.

Sobre isso, e como secção informativa que somos, diremos apenas que as moedas comemorativas do «25 de Abril» ainda não sairam. Isto, por si só, já diz bastante...

No entanto, e para satisfazer certas curiosidades, vamos fazer uma pequena síntese do que se tem passado acerca desse as-

sunto, que tanta polémica tem levantado.

1 – Em 1 de Novembro de 1974 é aberto o 1.º concurso a fim de escolher o melhor projecto para as futuras moedas. Foi cancelado por as respectivas bases terem sido muito contestadas.

2 – 28 de Dezembro de 1974. Novo concurso. Não houve projecto que merecesse 1.º prémio.

3 – Julho de 1975. Neste 3.º concurso houve projecto à altura. Decisão do júri em reunião de Setembro de 1975.

4 – Dezembro de 1975. Data que a Casa da Moeda previu para a entrega ao Banco de Portugal.

5 – 20 de Maio de 1976. Só nesta altura saiu o decreto a autorizar a cunhagem! Isto porque houve modificações no projecto premiado, principalmente no que respeita às quinas.
Tudo isto foi muito moroso, dado que nem tudo ficou perfeito à primeira operação e surgiram na altura, naturalmente, críticas de numismatas entendidos.

6 – As características das futuras moedas, a sair brevemente, serão:

Valores:	**100$00**	**250$00**
Cunhagem:	**1 000 000**	**1 000 000**
Metais:	**Prata (.650)**	**Prata (.650)**
Diâmetro:	**32 mm**	**37 mm**
Peso :	**15 gramas**	**25 gramas**

O cidadão interessado certamente terá de permanecer, durante algumas horas, junto do Banco de Portugal, na «bicha» para conseguir as moedas comemorativas, ao seu valor facial, isto se as coisas não se modificarem, claro...

AFAC

Reportagem

HOMENAGEM DA MARINHA ITALIANA AOS NAVEGADORES PORTUGUESES

Em visita não oficial esteve no porto de Lisboa, de 3 a 8 de Setembro último, o navio-escola «Amerigo Vespuccio», da Armada italiana. Este veleiro era comandado pelo capitão-de-mar-e-guerra Roberto Palombieri, compondo-se a sua guarnição de 250 oficiais, sargentos e praças; embarcados também 114 cadetes e 28 civis.
Entre as várias cerimónias realizadas durante a estadia do navio no Tejo, salienta-se a homenagem prestada, no dia 6, por um grupo de cadetes italianos aos Navegadores Portugueses, em que o comandante Roberto Parlombieri depôs um ramos de flores no Padrão dos Descobrimentos, em Belém, e na qual participaram um pelotão de fuzileiros da nossa Marinha e a Banda da Armada. Estiveram presentes à cerimónia o conselheiro e o adido naval da Embaixada italiana, os comandantes Naval do Continente e da Escola Naval, comodoros Melo Cristino e Carmo Fernandes, respectivamente, e outros oficiais do navio. Nos dias 4 e 5 o veleiro, que se encontrava atracado no cais de Alcântara, esteve patente ao público lisboeta.
Os elementos da guarnição visitaram a Base Naval de Lisboa, efectuaram passeios turísticos e actividades atléticas no complexo desportivo da D.S.E.F., no Alfeite.

INAUGURAÇÃO DE QUADROS NO MUSEU DE MARINHA

Na sala dos «Descobrimentos ao século XIX» do Museu de Marinha figuram agora duas pinturas a óleo, de autor desconhecido, que representam respectivamente o almirante Bernardo Ramires Esquível (1.º visconde de Estremoz e 1.º barão de Arruda) e António Ramires Esquível (2.º visconde de Estremoz e 2.º barão de Arruda), graças à doação de seus familiares.

Os referidos quadros, dado o seu precário estado de conservação *e para preservação da pintura pelo seu valor histórico e iconográfico com restituição dos pormenores afectados, permitindo leitura fiel da pintura original* – conforme se lê no «Relatório de Trabalhos» da oficina de pintura e restauro –, foram restaurados no Museu de Marinha pelo capitão-de-mar-e-guerra Sousa Machado e pelo pintor restaurador Alberto Cutileiro.

Na cerimónia do descerramento dos quadros, que teve lugar no dia 9 de Setembro último, estiveram presentes os familiares dos homenageados, os director e subdirector do Museu, comodoro Emmanuele Ricou e capitão-de-fragata António Cardoso, respectivamente, e a conservadora dr.ª Maria Manuela d'Oliveira Martins.

Na breve alocução que o director proferiu, ficou expressa a gratidão da Marinha e em particular do Museu pela doação dos quadros que vieram valorizar a iconografia deste estabelecimento cultural da Armada, graças à generosidade dos descendentes da família Esquível, em especial do eng.º agrónomo Rosindo Morais Moniz da Maia, já falecido, cuja vontade foi agora cumprida.

O almirante Bernardo Ramires Esquível foi um distinto oficial de Marinha, registando uma notável carreira naval de cujos feitos se salienta a tomada de Argel (ninho de piratas que prejudicavam o comércio no Mediterrâneo), juntamente com a esquadra espanhola, em 1785. Foi membro do conselho da rainha D. Maria I e do de D. João VI, conselheiro de Guerra e do Almirantado, almirante da Armada Real, comandante do Corpo da Marinha de Guerra Portuguesa.

Em 12 de Janeiro de 1809 foi-lhe confiado o comando da Marinha, em representação do infante D. Pedro Carlos (que se encontrava no Brasil), ficando às suas ordens todos os subordinados do Continente de Portugal.

Em 1810 recebeu ordem para transmitir as funções de comando que exercia ao almirante inglês George Berkeley, tecendo a carta régia rasgados elogios relativamente ao almirante português.

(Colaboração do Museu de Marinha)

O CRUZADOR AMERICANO «LITTLE ROCK» ESTEVE NO TEJO

Aportou ao porto de Lisboa, em visita de rotina, em 13 de Setembro passado, tendo atracado ao cais da Rocha do Conde d'Óbidos, o cruzador USS «Little Rock», comandado pelo capitão-de-mar-e-guerra W. R. Martin e tendo como guarnição 835 oficiais, sargentos e praças. Esta unidade da Armada americana desloca 10 670 toneladas e mede 183 m de comprimento, 20,2 m de boca e 7,6 m de calado.

Durante a estadia do navio no Tejo realizaram-se várias cerimónias, nomeadamente os habituais cumprimentos ao comandante Naval do Continente e retribuição; passeios turísticos da guarnição a Lisboa e arredores e a Fátima; visita, com almoço, de um destacamento do cruzador à Escola de Fuzileiros, em Vale de Zebro; visita de oficiais e sargentos ao Museu de Marinha. Entretanto

O cruzador «Little Rock» atracado no cais da Rocha Conde d'Óbidos.

Alunos da Casa Pia são obsequiados com um lanche, após terem visitado o navio.

aquela unidade foi visitada por alunos de escolas da nossa Marinha de Guerra, bem como por alunos de escolas primárias e do ciclo preparatório da Casa Pia de Lisboa, aos quais foi servido um lanche; também um grupo de jornalistas portugueses teve ocasião de estar a bordo dquele navio.

O «Little Rock» zarpou do porto de Lisboa no dia 16 do referido mês.

FUZILEIROS E UNIDADES NAVAIS NO EXERCÍCIO «PHIBEX 3/76»

A zona da costa compreendida entre Sines e Vila Nova de Milfontes e respectivas praias serviu de palco ao exercício conjunto de unidades navais e fuzileiros denominado «Phibex 3/76».

As operações decorreram entre 13 e 17 de Setembro passado e nelas tomaram parte a Companhia n.º 3 de Fuzileiros, o trem de combate do Batalhão n.º 3 de Fuzileiros, um esquadrão de botes de borracha, três anfíbios («Chaimites») e cerca de 20 viaturas de diversos tipos, envolvendo cerca de 200 homens – 12 oficiais, 24 sargentos e 155 praças – não contando com as guarnições da corveta «Augusto Castilho», do submarino «Delfim», do draga-minas «Lagoa» e das lanchas de desembarque LDM's 121 e 418, unidades navais que intervieram no exercício.

O «Phibex 3/76», inserido no planeamento anual de instruções às Companhias operacionais de fuzileiros, constou do lançamento, a partir do submarino, de mergulhadores-vigias para prospecções da costa e de mergulhadores-sapadores para «limpeza» da área de operação; desembarque de fuzileiros; fiscalização da costa e assalto anfíbio.

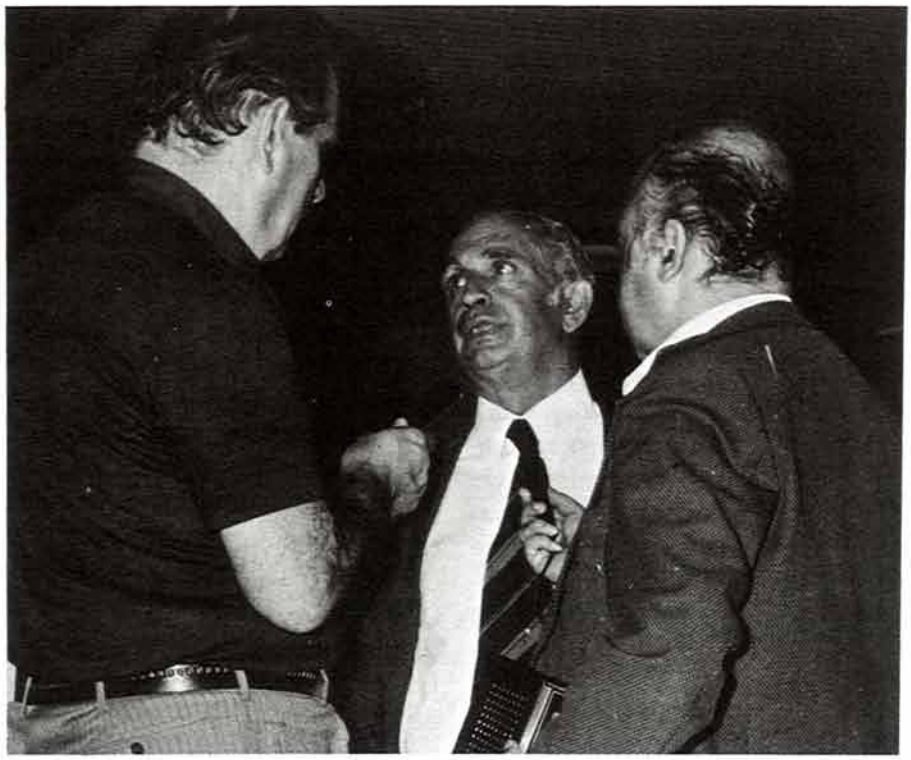
O exercício decorreu de modo bastante satisfatório, tendo atingido os objectivos previstos.

POSSE DO NOVO VICE-CHEFE DO ESTADO MAIOR DA ARMADA

O vice-almirante Souto Cruz, chefe do Estado Maior da Armada, empossou, no dia 20 de Setembro passado, o contra-almirante Silva Horta nas altas funções de vice-chefe daquele Estado Maior.

Ao acto, que decorreu no Gabinete do CEMA, assistiram oficiais generais que desempenham funções de chefia na corporação e oficiais superiores comandantes de unidades e chefes de serviços da Armada, além dos oficiais em serviço naquele Gabinete e no Estado Maior.

O ALMIRANTE SOUTO CRUZ NUMA REUNIÃO DA NATO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA



Chefiando a delegação portuguesa à 62.ª Reunião do Comité Militar da NATO, realizada em Colorado Springs, seguiu para os Estados Unidos, no dia 21 de Setembro passado, o vice-almirante Souto Cruz, chefe do Estado Maior da Armada. À partida foi cumprimentado pelos ministro da Defesa, tenente-coronel Firmino Miguel, adjuntos do chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, contra-almirante Almeida d'Eça e general Oliveira Rodrigues, além de outras altas patentes das Forças Armadas.

Aos trabalhos, que se efectuaram na Academia Militar da Força Aérea Norte-Americana, assistiram os chefes de Estado-Maior-General das Forças Armadas dos países membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte, tendo nessa qualidade o general Ramalho Eanes delegado no vice-almirante Souto Cruz a chefia da delegação portuguesa. Na reunião foram tratados e discutidos «os principais problemas que a NATO enfrenta», entre os quais «o da reorganização de comandos», sendo também analisados «os problemas da defesa, designadamente os de defesa aérea e da modernização de equipamentos», assuntos que serão debatidos nas reuniões, em Dezembro próximo, a nível de ministros da Defesa das nações pertencentes àquela Organização.

O chefe do Estado Maior da Armada regressou a Lisboa no dia 25, tendo sido aguardado no Aeroporto da Portela pelos general Oliveira Rodrigues, adjunto do chefe do EMGFA; contra-almirante Silva Horta, vice-chefe do EMA; contra-almirante Dias Martins, adjunto do chefe do EMA; contra-almirante Melo Cristino, comandante Naval do Continente; capitão-de-mar-e-guerra Charles R. Clark, adido naval e aeronáutico da Embaixada dos E. U. A., bem como outros oficiais generais.

NOVOS «MARINHEIROS» JURARAM BANDEIRA

No Grupo n.º 1 de Escolas da Armada, em Vila Franca de Xira, realizou-se no passado dia 24 de Setembro, com o habitual cerimonial a «festa» do juramento de bandeira dos 717 recrutas da segunda incorporação do ano corrente, aos quais foi ministrado, durante 14 semanas, o programa do I.M.B. (Instrução Militar Básica). Também ratificaram o juramento de bandeira 12 alunos do curso de alistamento de maquinistas navais, 9 do de electrotécnicos, 19 do de enfermeiros e 2 alunos músicos.

Ao acto, que teve a presença de convidados e familiares dos alunos, presidiu o superintendente dos Serviços do Pessoal, comodoro Bustorf Guerra, que foi recebido pelo comandante daquele estabelecimento escolar da Armada, capitão-de-mar-e-guerra Portugal Ribeiro, e a quem foram prestadas as honras militares da Ordenança.

Com os quase 800 juramentados em parada, as cerimónias começaram com a exortação feita pelo chefe do Serviço de Instrução, primeiro-tenente Alexandre da Fonseca, procedendo-se de imediato à distribuição dos prémios escolares, que couberam aos 2.º-gr. rec. n.º 1485/76, Borges Rodrigues – Prémio Aprumo Militar; 2.º-gr. rec. n.º 1094/76, Duarte da Costa – Prémio Exame Final de Instrução; 2.º-gr. rec. n.º 1283/76, Gonçalves Cruz – Prémio Educação Física e 2.º-gr. rec. n.º 1061/76, Santos Rosário – Prémio Habilitações Literárias. Seguidamente foi feita a leitura dos Deveres Militares e a Fórmula de Juramento, que foi repetida pelos novos «marinheiros», após o que se seguiu o desfile do Batalhão Escolar e demonstrações de manejo de armas e de actividades de preparação física.

FORÇA NAVAL DA GRÃ-BRETANHA NO TEJO

No intervalo das manobras navais da NATO «Teamwrod/76», realizadas em Setembro passado nas áreas do Canal, do Atlântico e do Báltico, e o início das denominadas «Display Determination», que decorreram nas águas do Mediterrâneo, em Outubro, tendo em ambas participado unidades da Armada portuguesa, as autoridades navais inglesas escolheram o porto de Lisboa para descanso do pessoal. Assim, aportou ao Tejo no dia 28 de Setembro uma Força Naval britânica composta de treze unidades, designadamente o porta-aviões «Ark Royal», os contratorpedeiros «Antrim» e «Devonshire», as fragatas «Andromeda», «Bacchant», «Naiad», «Brighton» e «Charybdis», os petroleiros «Olca» e «Black Rover» e os navios de abastecimento «Lyness» e «Stromness», o que constitui uma das maiores visitas de vasos de guerra ingleses a Lisboa depois da última Guerra Mundial.

A Força era comandada pelos vice-almirante Anthony S. Morton e contra-almirante James F. Eberle e as guarnições das unidades eram compostas, no total, por 5426 oficiais, sargentos e praças, sendo 5092 da Royal Navy e 334 da Royal Air Force.

Das várias cerimónias efectuadas durante a estadia da Força em Lisboa, destacaram-se os cumprimentos do contra-almirante Eberle ao chefe do Estado Maior da Armada, vice-almirante Souto Cruz, e a homenagem prestada pelos marinheiros ingleses aos Navegadores Portugueses, tendo o comandante da Força deposto um ramos de flores no Padrão dos Descobrimentos, em Belém, acto a que estiveram presentes o chefe do Estado Maior da Armada, o embaixador da Grã-Bretanha, o comandante Naval do Continente, o adido naval à Embaixada inglesa em Lisboa, comandantes e oficiais dos navios da Força e oficiais da Armada portuguesa. A respectiva guarda de honra foi formada por destacamentos das Marinhas inglesas e portuguesa, esta com a respectiva Banda.

Nos dias 29 e 30, várias unidades

O almirante James F. Eberle apresenta cumprimentos ao almirante Souto Cruz, chefe do Estado Maior da Armada.

estiveram patentes à curiosidade do público lisboeta.
Pela nossa Armada foram proporcionadas às guarnições dos navios excursões a zonas turísticas da periferia da capital, visitas ao Museu da Marinha e actividades atléticas no complexo desportivo do Alfeite.
A Força zarpou do Tejo no dia 2 de Outubro.

COLÓQUIO NO CLUBE MILITAR NAVAL: «RELAÇÕES EXTERNAS – INDEPENDÊNCIA NACIONAL»

Realizou-se no dia 1 de Outubro último, pelas 21.30 horas, nas instalações do Clube Militar Naval, um colóquio subordinado ao tema «Relações Externas – Independência Nacional», para o qual foram convidados pela Direcção os drs. Jaime Gama, Jorge Sampaio e Luís Salgado de Matos.
Com a presença de grande número de consócios e seus convidados, a que já nos vêm habituando estas realizações, introduziu o tema o sócio guarda-marinha AN Santos Mateus, como moderador. O debate do tema, que pela sua natureza e actualidade, se apresentava como polémico, propiciou o esclarecimento das perspectivas que se colocou ao novo Portugal democrático no contexto das relações internacionais, tendo em vista a superação do isolamento e dependência extrema em que nos colocou a política do regime fascista, e a real iserção de Portugal na Comunidade Internacional em função dos princípios definidos na Constituição Política da República e na Acta Final da conferência de Helsínquia, da qual Portugal é um dos países signatários.
Aspectos da cooperação económica, científico-técnica e cultural com todos os países do Mundo, nomeadamente com os novos países independentes de língua portuguesa, foram abordados, tendo assumido especial relevância a questão da integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia. Do debate desta última questão resulta claramente a necessidade da sua abordagem não em termos dicotómicos – sim ou não à integração de Portugal na C.E.E. – mas sim em termos de analisar quais as modalidades possíveis de cooperação, na perspectiva da defesa duma política interna – política externa de independência nacional consentânea com os princípios consagrados na Constituição Política da República.

(Colaboração da Direcção do C.M.N.)

COMEMORANDO OS 66 ANOS DA REPÚBLICA

Em vários pontos do país comemorou-se o 5 de Outubro de 1910, revolta popular que, sob a chefia do almirante (então comissário naval) Machado dos Santos, haveria de implantar a República em Portugal.
As cerimónias mais significativas ocorreram na capital e começaram à uma hora do dia 4 quando o navio-escola «Sagres», fundeado no Tejo, fez uma salva de 21 tiros comemorando a «madrugada de 3 para 4 de Outubro de 1910», em que o cruzador «Adamastor», já sob as ordens de comandante Mendes Cabeçadas, deu o aviso do avanço do processo revolucionário, disparando três tiros de salva.
No dia 5 decorreu um acto solene no Município de Lisboa, a que presidiu o Chefe do Estado, general Ramalho Eanes, e onde o capitão Sarmento Pimentel – um dos últimos sobreviventes da Rotunda –, repetindo o gesto dos heróis de 1910, içou a bandeira nacional, à qual as forças em parada, formadas por elementos da Armada, do Exército e da Força Aérea e a banda da G.N.R., prestaram as honras militares. Nesta cerimónia discursaram, além de outras individualidades o dr. Magalhães Godinho, da Comissão Nacional das Comemorações, e o Presidente da República. O general Ramalho Eanes presidiu também a uma sessão efectuada no Teatro Municipal de S. Luiz.
No cemitério do Alto de S. João realizou-se a habitual romagem aos túmulos dos almirantes Cândido dos Reis e Machado dos Santos e dos drs. Miguel Bombarda, António José de Almeida e Alfredo Guizado, nos quais foram depostos ramos de flores e guardados momentos de recolhimento.
Ainda em Lisboa, no Palácio Foz, foi feita uma exposição evocativa do 5 de Outubro de 1910.

O comissário naval Machado dos Santos, que conduziu os revoltosos à vitória.

Quarto de Folga

TAL FILHO TAL PAI...

Isto passou-se há uns bons 40 anos. Alguém, das minhas relações amigas, resolveu fazer uma viagem turística por Trás-os--Montes, aquela província pouco conhecida, de habitantes de inconfundível sentido de hospitalidade e de feitio simplista que leva muitos a, erradamente, os considerar simples ingénuos, fáceis de enganar.

A viagem foi feita no comboio directo que, nessa época, quando vinha da Barca d'Alva era, até à Régua, dos que param em todas as estações, apeadeiros e lugarejos. Só a partir desta terra é que se civilizava e, até ao Porto, só parava em terras de categoria, que aliás eram poucas.

Como se sabe também, e se não sabem ficam sabendo, na época de verão, de romarias, era vulgar, e creio que continua a ser, qualquer lugarejo estar apinhado de gente, que toma o comboio para ir ou regressar de determinada feira ou festa de vindima.

Como é fácil de prever o comboio então tinha de parar mais do que seria normal para dar entrada àquela multidão ruidosa, simples, alegre, galhofeira, sem segredos para ninguém e, por vezes, com extraordinário espírito.

Além da multidão tínhamos de considerar os eternos farnéis, os cestos das lembranças para os amigos e dos amigos, as compras da feira, o que se vai vender à feira, etc., etc.

Ora aconteceu que, num lugarejo qualquer, esperava o comboio uma boa multidão.

O comboio parou como era seu dever e resolveu ter paciência para que todos se acomodassem o que começou a levar um certo tempo fora do admissível.

O revisor, pela força das circunstâncias arvorado em chefe daquela «importantíssima Estação», olhava com atenção o desenrolar dos acontecimentos, aconselhando por um lado calma e, por outro, desembaraço para perder o menos tempo possível.A certa altura, numa colina vizinha, notou--se um homem, já entradote na idade, tipo da região, anafado, esforçando-se heroicamente por alcançar o comboio e, ao mesmo tempo que corria o mais que lhe permitia o seu físico pesado, fazia gestos desesperados para fazer entender qualquer coisa que a todos parecia evidente – esperem por mim.

Imediatamente se dividiram as opiniões e, enquanto uns, caritativos e bondosos concordavam em esperar pelo homem, outros, com mais fumos de civilização, e agarrados ao são princípio «comboio não espera por ninguém» clamavam que «era uma vergonha», «não passava de um país de cafres», «esperar nunca», etc., etc.

Escusado será dizer que, aqueles que eram de opinião que se devia esperar pelo homem, imediatamente desataram a dificultar a entrada nas carruagens ou, passe a expressão, a «fazer cera», para o homem ter tempo de apanhar o comboio.

Ao mesmo tempo, ao lado das exclamações de indignação dos impacientes, choviam os incitamentos picarescos, com a finalidade de aumentar a velocidade do improvisado corredor de fundo.

O que é certo e pela benevolência do revisor, que tendeu para as direitas, o homem conseguiu chegar, sem o comboio ter partido.

Foi recebido com uma salva de palmas.

Mas, em lugar de tomar imediatamente lugar no comboio, obstinadamente pretendia dizer qualquer coisa antes de entrar o que não conseguiu por evidente falta de fôlego que o não deixava falar. O revisor, atencioso, aconselhava-o a entrar. Que lá dentro explicaria. Mas o homem nem entrava nem conseguia falar, parecendo, pelo aspecto ofegante e pelos esforços que fazia, «número muito baixo» para um colapso apoplético.

Este aspecto e o receio de uma tal possibilidade além da espectativa, levou a esperar que o homem dominasse o seu evidente e legítimo cansaço.

Então o homem, de olhar esbogalhado, respirando com dificuldade num esforço tremendo, num ronco exclamou:

– Ó senhores... pelo amor de Deus... esperem mais um cibinho por meu pai... ele vem aí num repente...

Todos os olhares se voltaram para a colina. O pai lá vinha, correndo quanto lho permitiam as pernas da sua avançada idade.

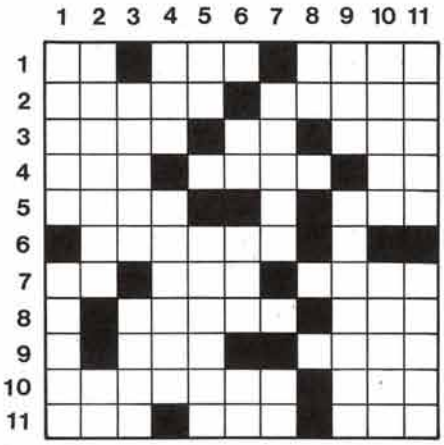
Uma gargalhada geral acolheu o acontecimento e então alguém, com voz sonora, teve a exclamação que solucionou o caso:

– Quem esperou pelo filho espera pelo pai.

E todos agora, num acordo tácito, não deixaram o comboio seguir sem que o velhote chegasse.

Capt. Zurara

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 – Basta; neurólogo alemão, professor em Heidelberg; deus do amor na cultura grega. 2 – Resina balsâmica da elemieira; fio de latão. 3 – Nada; símbolo químico do átomo; nome de letra (pl). 4 – Canseira; gás raro da atmosfera; consoante dobrada. 5 – Fímbria; amigo do homem. 6 – Avestruz da América. 7 – Gume; irmã da mãe; o vão da espingarda ou do canhão. 8 – Instrumento de cardar, semelhante a um sedeiro; vêde. 9 – Letras de asna; aias. 10 – Pessoa sem acção; partida. 11 – Nome de rio (inv); dialecto falado ao norte da França; contracção da preposição e artigo (pl.).

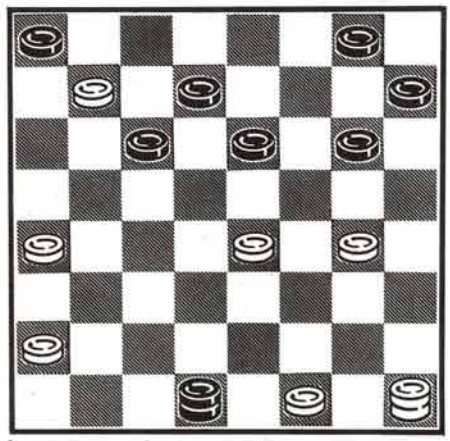
VERTICAIS: 1 – Possuirão; género de aves palpímedes a que pertence o ganso. 2 – Encaixe na quilha do navio onde se embebe o topo de uma tábua; apelido. 3 – Mete em mala; extremidade da âncora. 4 – Ave corredora; género de plantas faseoláceas. 5 – Graceja; que tem duas flores. 6 – Duas vogais; entregam (inv.); grito de dor. 7 – Seguem cegamente; outra coisa. 8 – Também. 9 – Chefe etíope; doença caracterizada pela presença no sangue de substâncias colóides. 10 – Última letra do alfabeto grego; miadela. 11 – Oblíquo; albino (pl.).

(Solução no próximo número)

Carmo Pinto
1.º-sarg. H

DAMAS

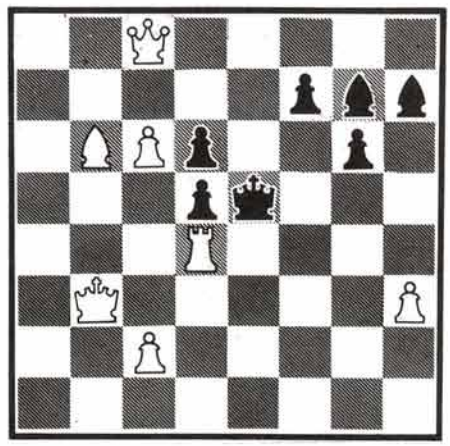
(Solução no próximo número)



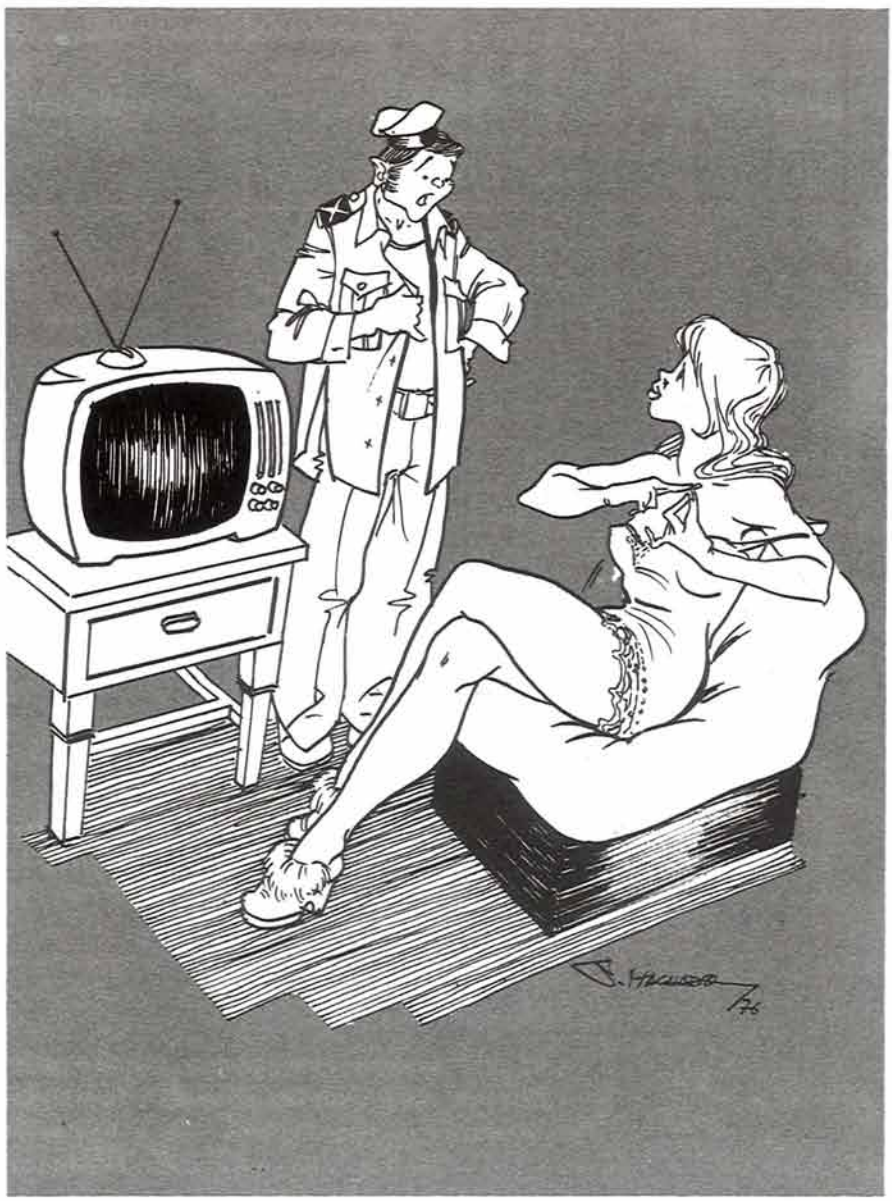
As brancas jogam e ganham.

XADREZ

(Solução no próximo número)

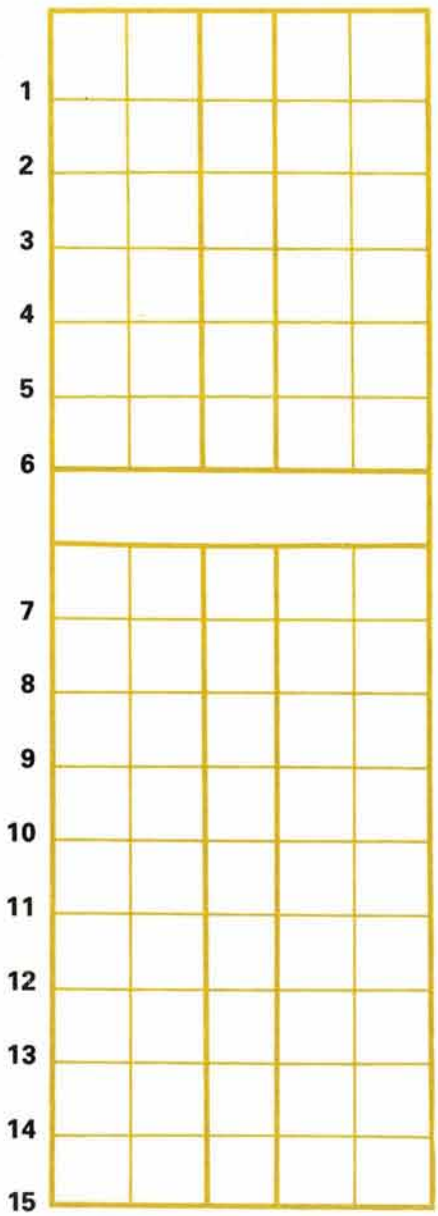


Jogam as brancas e dão mate em três lances.



– Agora, que a televisão está a repetir as séries todas, podias aproveitar e coser-me os botões da camisa.

PILHA DE PALAVRAS



1 – Coxim. 2 – Romã. 3 – Bucho. 4 – Causa. 5 – Milhafre. 6 – Mescla. 7 – Oblação. 8 – Riquezas. 9 – Espiritual. 10 – Pitosga. 11 – Afagos. 12 – Razão. 13 – Âmago. 14 – Brando. 15 – Vadio.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central, o leitor encontrará o nome de dois vulcões, um do continente Antártico e outro da Europa. Este problema tem a particularidade de as palavras se iniciarem pela letra «M».

(Solução no próximo número)

Basto Carreira
Cap.-m-g.

CONCURSO N.º 62

(Foto do cap.-frag. EMQ Antunes Lourenço).

É atribuído um prémio à melhor legenda apresentada para a fotografia reproduzida.

SOLUÇÕES

DAMAS

(Solução do problema do número anterior)

Brancas	Pretas
1.... 14-18	17-10
2.... 1-19-26	30-21-14
3.... 2-5	14-1
4.... 4-14-32 e ganham.	

PILHA DE PALAVRAS

(Solução do problema do número anterior)

1 – Testo. 2 – Tiade. 3 – Tanja. 4 – Tudor. 5 – Trava. 6 – Turra. 7 – Trepa. 8 – Tamis. 9 – Total. 10 – Treta. 11 – Tojos. 12 – Troar. (Santarém. Tejo.)

XADREZ

(Solução do problema do número anterior)

Pretas	Brancas
1. Dxd4 ch/	Rxd4
2. Bc5 ch	Rd3
3. C e 5 x/mate	

SABE?

(Solução do passatempo publicado no n.º anterior)

1 – Zêzere. 2 – Macau. 3 – Coco. 4 – Sócrates. 5 – Duarte Pacheco. 6 – Patolas. 7 – D. Duarte. 8 – Um de oxigénio e dois de hidrogénio. 9 – Peixe. 10 – Egípcio.

ARITMOGRAFIA

(Solução do problema do número anterior)

Horizontais:	Verticais:
9×1−6 : 3=1	9×1 : 1−9=0
1×4−2+2=4	(1+4)−3×2=4
1×3+4−7=0	6×2 : 4+3=6
(9−2)+3 : 2=5	(3−2)+7 : 2=4

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do problema do número anterior)

HORIZONTAIS: 1 – Escada; cravo. 2 – Sé; elche. 3 – Cravinho. 4 – Avo; oaristo. 5 – Forte; gim. 6 – Tímpano; mó. 7 – Nuas; cruel. 8 – Imo; atito. 9 – Rã; cá; rr. 10 – Oleol; nilgo. 11 – AC; voz. 12 – Rolo; encaro.

VERTICAIS: 1 – Escafrando. 2 – Servo; alar. 3 – Aorta; eco. 4 – Físico. 5 – Dei; em; malvo. 6 – Alno; pão. 7 – Chaga; onze. 8 – Chorinça. 9 – Ré; imortal. 10 – Ui; Goa. 11 – Voltímetro. 12 – Olor; só.

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 61

Adaga. Alabarda. Alfange. Baioneta. Cimitarra. Espada. Florete. Lança. Machado. Sabre. Partasana. Pique.

VENCEDOR:

Sarg.-aj. A António de Araújo Figueiredo. Cova da Piedade.

Navios que estiveram no Tejo

Navio-escola «Mircea», da Marinha romena, que visitou Lisboa em Agosto último. Este veleiro que aparelha de barca desloca 1630 toneladas e tem cerca de 81 metros de comprimento. É semelhante, por ter sido construido na mesma época e no mesmo estaleiro da Alemanha, à «Sagres», «Eagle», «Tovaritch» e «Gorch Foch».

CANOA CACILHEIRA

Modelos da colecção Seixas, do Museu de Marinha. (Foto de Reinaldo de Carvalho)

O nome foi-lhe naturalmente atribuído pelo facto de se destinar à travessia do Tejo, transportando passageiros para Cacilhas e vice-versa.

De maior comprimento que o bote catraio, pois tinha 10 a 12 metros e mais de comprimento, muito embora com as formas deste, não era igualmente proporcionado na largura, o que lhe dava um aspecto mais afilado que aquele.

Com vento favorável, chegava a fazer a travessia em 10 minutos o que, nestas condições, constituia uma forte razão de preferência em relação aos vapores já existentes também para igual função.

Navegava com uma só vela bastarda. Em calmaria socorria-se dos quatro remos que tinha, muitas vezes usados pelos próprios passageiros desportivamente e por espírito de colaboração com os tripulantes.

Com forte vazante e ventos sem serem de feição, era sabido que as canoas cacilheiras em vez de aportarem aos cais das Colunas ou do Sodré, iam parar à doca de Alcântara, tendo os passageiros de recorrer ao «Chora» ou aos «Americanos» para solucionar problemas inerentes.

O preço da travessia era de 20 réis (!!!) e era frequente os tripulantes virem a terra aliciar as pessoas a fazerem as travessias nos seus barcos, gritando repetidas vezes «vai largar para Cacilhas», largada que só se concretizava quando a lotação estava completa.

Desta vez o progresso, que os eliminou, foi aceite inteiramente pelas suas vantagens.

Colaboração do mestre Luís Marques